


No famoso ensaio de abertura, “As idéias fora do lugar”, Roberto Schwarz reflete sobre a comédia ideológica nacional representada pela disparidade entre a sociedade escravista e as idéias do liberalismo europeu. Deste olhar teórico mais amplo, passa, no segundo ensaio, à análise detalhada de *Senhora*, apontando as contradições da ficção de Alencar. Fecha o volume uma longa reflexão sobre a prática do favor e os primeiros romances de Machado de Assis: *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*.

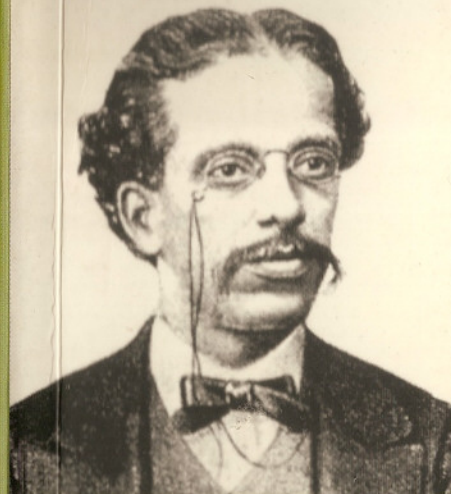
Um dos pontos de partida deste livro foi o resgate crítico do processo histórico armado por Antonio Candido na *Formação da literatura brasileira*: o estudo das relações entre forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. Publicado em 1977, *Ao vencedor as batatas* provocou uma reviravolta na crítica machadiana. Visto em perspectiva histórica, conferiu feição nova ao ensaísmo de esquerda, por seu alto grau de originalidade e grande poder de fogo.

 Livraria
Duas Cidades

editora ■ 34

ISBN 85-7326-169-2

9 788573 261691



Roberto
Schwarz

AO VENCEDOR
AS BATATAS

Coleção Espírito Crítico

Duas Cidades
Editora 34

4. *Iaiá Garcia*

“Quem era ela para o afrontar assim?”¹

“[...] mas não caia no romanesco, o romanesco é pérfido.”²

Com *Iaiá Garcia* chegamos ao fim da primeira fase machadiana e deste capítulo. Depois do cinismo ingênuo de *A mão e a luva* e do purismo de *Helena*, veremos uma atitude que, sem traduzir-se jamais em desrespeito, é de completo desencanto. Uma posição circunspecta, por assim dizer adulta, que não se priva da reflexão e dos sentimentos desabusados, nem do apoio da ordem estabelecida (e que é um compromisso entre a exigência moral de Helena e o realismo de Guiomar). É ela a responsável pelo clima ao mesmo tempo apagado e poderoso que pesa sobre este livro sem humor. Melhor, pontos de vista de uma audácia muitas vezes excepcional ficam parados na sombra, sem outro efeito que o de existirem. Seu pessimismo não se expande em desapego ou na vivacidade do comentário crítico, e tem alguma coisa irredimida, contrária também à beleza literária.

¹ Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, OC, vol. I, p. 316.

² *Idem*, p. 380.

Isso posto, veremos que ainda esta descrença é uma idealização, imaginada por Machado a fim de tornar aceitáveis os fatos da vida brasileira. A idealização desta vez é pouca, mas suficiente para os seus fins: protegendo as pessoas contra as ilusões com que o paternalismo as logra e diminui, *o desencanto lhes preserva a dignidade humana*, e por esta via inesperada salva a dignidade também ao próprio paternalismo. Assim, sendo incomparavelmente mais sério e verossímil que os romances anteriores, *Iaiá Garcia* junta-se a eles na intenção de justificar, que é o verdadeiro limite da primeira fase.

No que interessa ao realismo literário, note-se que esta idealização é da ordem do mal menor, e que o seu terreno — o terreno da descrença — é o paternalismo real em sua variedade. Este não era o caso para o otimismo cínico de *A mão e a luva*, nem para o purismo de *Helena*, que tinham fundamento em nosso processo social, mas o tratavam de pontos de vista muito limitados, a que correspondia a concentração em alternativas simplistas (p. ex. respeito ou desrespeito da pessoa, elevação ou baixaza dos motivos, ser um fraco ou ser um forte), que ao menor desdobramento do assunto se poderiam invalidar. Em *Iaiá Garcia*, desde as primeiras páginas o leitor percebe a realidade mais abundante, menos esquemática, e ainda assim melhor unificada. Como era de esperar, a apreciação realista das relações sociais é propícia também ao realismo literário, e se não assegura o ângulo crítico radical, pois pode se associar a uma atitude conformista, assegura a propriedade e a latitude na incorporação da empiria. Se nos romances anteriores a estreiteza do ponto de vista acabava por distanciar o paternalismo literário do que se praticava efetivamente, agora Machado está numa posição que os aproxima, e que permite a circulação mais desafogada entre os espaços do romance e da realidade. Em lugar das questões algo genéricas dos livros anteriores, veremos o leque das po-

sições e das relações correntes, acompanhadas de seu vocabulário próprio.

Assim, passam para a literatura e serão matéria problemática, de primeiro plano — isto é, matéria em que estão em jogo o sentido e o valor da vida contemporânea, o que é o oposto de sua utilização localista — uma porção de expressões e noções ligadas à prática do paternalismo, que não haviam ainda merecido esta honra. Exemplos, mais ou menos ao acaso: seu pai foi amigo de meu pai, eu fui amigo de sua família, devo-lhe obséquios apreciáveis;³ quem era ela para o afrontar assim?;⁴ as relações não eram assíduas nem estreitas, mas sempre eles o tiveram em boa conta e o tratavam com carinho;⁵ a mulher dele foi educada por minha mãe;⁶ ele respeita-o muito — respeitar não era o verbo pertinente, atender fora mais cabido, pois exprimia a verdadeira natureza da relação entre um e outro;⁷ obsequiava sem zelo, mas com eficácia, e tinha a particularidade de esquecer o benefício, antes que o beneficiado o esquecesse;⁸ sempre nos mereceram consideração, não quisera recorrer a outra pessoa;⁹ era a primeira vez que recorria ao seu serviço com tamanha solenidade;¹⁰ nem por isso era menos amigo de obse-

³ *Op. cit.*, p. 345 (as citações que se seguem estão parafraseadas, para facilitar a exposição).

⁴ *Idem*, p. 316.

⁵ *Idem*, p. 304.

⁶ *Idem*, p. 343.

⁷ *Idem*, p. 306.

⁸ *Idem*, p. 300.

⁹ *Idem*, p. 305.

¹⁰ *Idem*, p. 304.

quiar;¹¹ a amizade benévola que sempre achei nesta casa;¹² o resguardo com que procedia, sem ostentar intimidade nem cair nos ademanos da servilidade;¹³ uma senhora que te fez um benefício;¹⁴ etc.

De modo mais geral, muita coisa trivial e mesmo sórdida está tratada pelo nome. A despeito das declarações anti-realistas de Machado, que já vimos, a ênfase no paternalismo não era contrária ao impulso realista. Assim Luís Garcia é funcionário público, tem uma caderneta da Caixa Econômica, a palhinha das cadeiras em sua sala de visitas está encardida, e terminado o expediente ele leva trabalho para casa, para melhorar o salário;¹⁵ a guerra contra o Paraguai é patriótica, mas é ocasião também de favores comerciais e negociatas, que permitem a um fornecedor do exército triplicar o seu capital em pouco tempo;¹⁶ a viúva Gomes vai ver uma casa que tem na Tijuca, e irrita-se com o estrago deixado pelos inquilinos; o mestre de obras que acompanhava a viúva na visita tinha uma prosódia execrável.¹⁷ Etc., etc. São aspectos que não se prendem aos conflitos centrais, mas também não desdizem deles, nem da verossimilhança externa — uma disposição ao mesmo tempo solta e unificada, contingente e necessária, em que se expressam a coerência, a amplitude de espectro e o traquejo na visão das coisas, de que depende a poesia do ro-

¹¹ *Idem*, p. 299.

¹² *Idem*, p. 306.

¹³ *Idem*, p. 334.

¹⁴ *Idem*, p. 329.

¹⁵ *Idem*, cf. capítulo primeiro.

¹⁶ *Idem*, p. 339.

¹⁷ *Idem*, p. 315.

mance realista e que neste sentido contam entre os seus elementos formais. Não falta nem mesmo a prova dos nove, o dó de peito deste equilíbrio, que é a incorporação ocasional e por assim dizer fluente de algum grande episódio da história pátria à trama da ficção, oportunidade em que a forma literária presume aberrantemente ser a forma da realidade.¹⁸

O episódio da guerra do Paraguai é uma tentativa neste sentido. Se olharmos de perto veremos que, embora a prosa muito oficial o estrague para a leitura, o capítulo é desabusado. O patriotismo quando aparece é logo desmentido, e a motivação que domina é condizente com o clima privado e paternalista do livro. Assim, Valéria Gomes alega razões patrióticas, mas na verdade manda o filho à guerra para afastá-lo de uma agregada da casa, a quem ele queria. Luís Garcia aconselha ao moço que obedeça, mas aconselha a contragosto e sem convicção, pressionado por Valéria, à qual deve obrigações familiares. Jorge (o filho) vai, mas para limpar-se aos olhos da amada que não quer saber dele, e que ele, moço rico, algum tempo antes havia brutalizado um pouco. Mais adiante, Jorge lutará com heroísmo fora do comum, como quem quer morrer — depois de saber por carta que a mãe aproveitara de sua ausência para casar a agregada. Em consequência, o moço merece a sua patente de major, enquanto o coronel diz consigo mesmo que a rapaziada sonha só com promoções. Terminada a guerra, três meses depois de regressar ao Rio, o clima não é de triunfo. Embora coberto de louros, Jorge enxergara na guerra “ao lado da justa glória de seu país, o irremediável conflito das coisas humanas”¹⁹. Uma expressão, esta

¹⁸ Ver a respeito as boas explanações de Lukács, na primeira parte de *Der historische Roman*, Werke, vol. VI.

¹⁹ *Iaiá Garcia*, pp. 327, 335.

última, exemplar do realismo limitado que é próprio a nosso livro, em que o “conflito das coisas humanas” está amplamente desenvolvido, mas não expulsa da prosa “a justa glória de seu país”. Mas façamos abstração deste limite, a que ainda voltaremos várias vezes. Resta que Machado tornava comensuráveis a literatura de ficção, a vida cotidiana e um episódio decisivo da história nacional, o que é um feito muito apreciável, e representa uma adaptação verdadeiramente criteriosa de um dos grandes lugares-comuns do realismo literário à realidade brasileira. Entretanto, se é certo que a dissolução da guerra patriótica em motivos privados a integra coerentemente no tecido do romance, é verdade também que o capítulo não tem o efeito fundamental de seus congêneres europeus, mesmo ruins, que é de dar a dimensão histórica ao romance. Faz falta em *Iaiá Garcia* uma concepção clara do que tenha sido a guerra do Paraguai, e a integração desta através de motivos privados é hábil, mas desprovida justamente da mencionada dimensão. Não era um defeito pessoal de Machado, pois ainda hoje o sentido daquela guerra é mal conhecido. São dificuldades a que não escapa o escritor brasileiro. Enquanto os romancistas franceses, bons e ruins, progressistas ou reacionários, beneficiavam-se da clareza que tinham as classes sociais e seus historiadores no que respeita à Revolução de 1789, às guerras napoleônicas, à Restauração etc.,²⁰ os nossos romancistas ficavam sem apoio, eram obrigados a fazer ideologia, histo-

²⁰ A *Revue des Deux Mondes* é uma leitura impressionante sob este aspecto, pela constância e franqueza do seu comentário à luta de classes, pela simplicidade na periodização e na determinação dos objetivos de cada revolução: 1789, 1830, 1848, 1871. A generalização européia da consciência histórica a partir das guerras napoleônicas é, segundo Lukács, um pressuposto social do romance histórico. Ver a citada parte inicial de *Der historische Roman*.

riografia e ficção ao mesmo tempo, e de um jeito ou de outro pagavam a sua multa à cultura nacional pouco encorpada. É um caso de pressuposições sociais imprevistas que podem ter os empréstimos literários — tais como a maturidade maior da consciência de classe, ou o grau da divisão social do trabalho intelectual. Algo de comparável pode ser observado hoje, em nosso marxismo, cujos esquemas pressupõem um trabalho historiográfico que não está feito. Para ilustrar a nossa tese, melhor que Stendhal, ou Balzac sirva-nos um romance fraquíssimo de George Sand, o *Marquis de Villemer*, em que, segundo Pujol, estariam inspiradas *Helena e Iaiá Garcia*, o que é plausível.²¹ Estudioso e modesto, o marquês em questão prepara uma obra histórica sobre o *Ancien Régime*, na qual a despeito de seu nome ilustre ele iria demonstrar que os títulos aristocráticos não passavam de usurpação. Ocorre que Villemer amará perdidamente a mocinha que serve de companhia à sua velha mãe, senhora esta que ele também quer muito, embora seja fútil e ciosa de genealogia (a moça chama-se Carolina de St. Geneix, e com as diferenças de que falaremos pode ser comparada à agregada de *Iaiá Garcia*). Tudo se arranja no final, mas o que nos interessa é que os amantes encontram uma justificativa ideológica do que sentem nas convicções intelectuais do herói, bem como numa visão de conjunto da história da França, e por extensão da Europa, além de se transformarem em figuras deste mesmo processo, o que é o mesmo que se historicizar. Enfim, um efeito poderoso, ligado a um grau de consciência histórica sem nada de excepcional, que entretanto era inacessível, em relação ao seu próprio país, a um escritor culto, refletido e audacioso como era então Machado de Assis. No que diz respeito à importância em suas literaturas respectivas, à dis-

²¹ A. Pujol, *Machado de Assis*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1934.

posição de inovar, de ver e de dizer as coisas como são, não há obviamente comparação entre o *Marquis de Villemere* e *Iaiá Garcia*. Entretanto, do ponto de vista raso e nem por isto menos real do acabamento convincente, em que a ordem social esteja transposta com naturalidade, o primeiro ainda leva a melhor...²²

Mas, voltemos a nosso assunto, aos progressos que traz *Iaiá Garcia* à elaboração realista de nossa ordem social, e vejamos o elenco das personagens. Do lado dos dependentes, a galeria forma algo como uma escada, que começa na submissão total e inocente, vizinha da escravidão e da devoção religiosa, passa pela submissão abjeta do oportunista, chega à submissão contrariada das pessoas que se prezam, e vai mesmo à ruptura do vínculo de dependência, através do trabalho assalariado. Uma boa gama, através da qual se configura o processo social em sua variedade, de que as personagens são os tipos.²³ Assim, Raimundo é um criado “dedicado e submisso”, escravo forro, que toca marimba e canta “vozes” africanas, cujo pensamento pousa em seu atual senhor e antigo proprietário “como um feitiço protetor”; não impede que seja pon-

²² O problema é brasileiro, e não é só de Machado. Tanto que pudemos fazer observações análogas a propósito de Alencar, comparando *Senhora* ao *Romance de um moço pobre* de Feuillet. Entretanto, a falta de dimensão histórica tem fundamento histórico ela mesma, na distância imensa entre a vida popular e a História que fazem as nossas elites. Para exemplo, valha a expressão de Aristides Lobo, segundo a qual o povo assistira à proclamação da República “bestificado”. Mais tarde, em *Esau e Jacó*, Machado iria nessa mesma direção, no famoso capítulo das tabuletas, em que a proclamação da República deixa mal o proprietário da “Confeitaria do Império”. Se em *Iaiá Garcia* a dimensão histórica faltava, em *Esau e Jacó* é na sua falta que está a graça. Nesta perspectiva, 1964 talvez seja um limiar, pois grosso modo os participantes estavam a par do que se disputava.

²³ Sobre a importância propriamente formal da galeria de tipos, ver Lukács, *Balzac und der Franzoesische Realismus*, Werke, vol. VI.

tual e impecável como um mordomo inglês.²⁴ Maria das Dores é uma pobre ama-de-leite catarinense, “para quem só havia duas devoções capazes de levar uma alma ao céu: Nossa Senhora e a filha de Luís Garcia”; a pobre velhinha não descansa enquanto não aluga “um casebre em Santa Teresa, para ficar mais perto da filha de criação”²⁵. O Sr. Antunes é escrevente, agregado e *factotum* do falecido Desembargador Gomes; é adúlador emérito, filador de almoços e charutos, braço direito do Desembargador no escritório, nos recados eleitorais, nas empresas amorosas e nas compras domésticas; tem fumaças de grandeza e a secreta esperança de casar a filha Estela a Jorge, o filho do Desembargador.²⁶ Ocorre que Estela saiu ao contrário do pai, e é uma agregada orgulhosa, que não cede ao cerco que Jorge de fato lhe faz. O filho da casa a persegue, com os olhos a princípio, depois à força bruta, e por fim de longe, muito respeitadamente; “Quem era ela para o afrontar assim?” perguntava-se ele, com o que trazia o paternalismo para dentro da relação amorosa e para o centro dramático do livro.²⁷ Estela, mais adiante, casará sem amor, mas por decisão própria e sem sofrer a humilhação social, e quando lhe morre o marido ela será professora numa escola de meninos, no norte de São Paulo, escapando afinal à teia das obrigações familiares. Como lhe dirá o pai, decepcionado, “tu és uma fera”²⁸. O marido de Estela, Luís Garcia, é um funcionário trabalhador e retraído, que preza sobretudo a sua independência, embora esteja ligado — muitas vezes a contragosto — por favores recebidos e

²⁴ *Iaiá Garcia*, pp. 300-1.

²⁵ *Idem*, pp. 303-4.

²⁶ *Idem*, pp. 311-2.

²⁷ *Idem*, p. 316.

²⁸ *Idem*, p. 406.

prestados à família do Desembargador; o seu ponto de vista mais ou menos converge com o clima ideológico do livro, e voltaremos a ele em detalhe. Iaiá Garcia, enfim, filha do primeiro casamento de Luís, é uma versão mais amena de Guiomar: tem a bossa do luxo, e apesar da origem modesta casará com Jorge, e fará uma vida de alta sociedade. No todo, já se vê que a escala é complexa, pois nem a dependência é sempre indigna, nem a independência é sempre feliz. — Mas vejamos o lado dos poderosos. Também eles diferem entre si. Se os compararmos ao outro campo, a virtude aqui é quase nada, o que ideologicamente é decisivo. No entanto, uns aparentam mais que outros. Valéria Gomes, a viúva do rico Desembargador, gosta das pessoas que dependem dela, e porque é calorosa não hesita em dispor delas conforme lhe dê na veneta. Também seu filho Jorge é boa pessoa, respeitoso do decoro e grave nas atitudes. Não impede que seja irresponsável, inconstante e nulo, — o gênero de cavalheiro estimável que Machado estudava e não ousava ainda qualificar, e que já nas *Memórias póstumas* o narrador chamaria “um compêndio de trivialidade e presunção”²⁹. Todos os seus passos têm a cobertura das relações familiares. A galeria se completa com Proκόpio Dias, o vilão do livro, que não recua diante de nada. Seus crimes vão da negociata em tempo de guerra e da calúnia a gostar da boa mesa e do outro sexo. Pior ainda, sendo cinquentão, quer casar com Iaiá, que tem dezessete. Um espectro que a noção de materialismo (“Para ele, a vida física era todo o destino da espécie humana”)³⁰ e a pincelada diferente, tomada à literatura realista, muito farisaicamente unificam. Também ele, no entanto, pertence ao universo do paternalismo: os seus negócios

²⁹ Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, OC, vol. I.

³⁰ *Iaiá Garcia*, p. 339.

se fazem através de influências pessoais, e seu amor por uma moça pobre, à qual o casamento daria tudo, é motivado pela obrigação de reconhecimento eterno em que ela ficaria.³¹ Mais tarde veremos que esta figura tão diferente das outras convive facilmente com elas, e que o processo social estava unificando o que a ideologia e o estilo literário separavam. Aliás, a relativa normalização das relações entre paternalismo e interesse material é um dos sinais da maturidade deste romance. É uma questão que permite acompanhar o discernimento com que evoluía Machado: retomava a naturalidade na consideração dos bens da vida, que era a força de *A mão e a luva*, mas abandonava-lhe a satisfação ostensiva e forçada; enquanto que dos melindres de *Helena* ficava a sensibilidade para a opressão, que era a sua componente crítica, e desaparecia o moralismo. Assim, o desencanto sem revolta que reina em *Iaiá Garcia* é uma síntese precisa e refletida do que era vivo nas experiências precedentes, — sem dizer, por isto, que se livrava de todo o seu peso morto.

Nas grandes linhas, as observações que fizemos nos mostram que a matéria dos romances anteriores está ampliada, unificada e amadurecida. O paternalismo está presente em toda parte e de várias maneiras, no centro dos conflitos e nas figuras periféricas, enquanto terminologia, matéria de observação trivial e assunto de reflexão mais sustentada, enquanto clima, ideologia, elemento de caráter, e veremos também que enquanto mola profunda do enredo e da organização formal. O leitor que nos acompanha sabe que esta unidade, a que a verossimilhança dá o natural (ou melhor, daria, pois veremos em seguida quanto a unidade de *Iaiá Garcia* ainda é precária), é um ponto de chegada, e não de partida. Representa um trabalho já considerável de apropriação e crí-

³¹ *Idem*, p. 362.

tica, da realidade e da literatura.³² Assim, ao contrário do que parece, o crescimento que constatamos do espaço social, histórico e mesmo geográfico, não é uma questão primeiramente quantitativa, de inclusão de elementos novos, mas depende de um esforço de diferenciação e crítica internas, em vários planos, de elaborações ideológicas e formais de que é o efeito literário. Ao menos em parte, a qualidade da observação, a sua quantidade e sobretudo o seu efeito de unidade dependem daquelas elaborações, e a empiria no romance é o resultado de muita reflexão e construção. Um exemplo desta influência da crítica sobre o que parecem ser os dados elementares da observação: já havíamos notado que a ideologia de *Iaiá Garcia* suprime limites que vigoravam nos romances anteriores. Esta a versão negativa da vantagem, enquanto ausência da desvantagem. Entretanto, na ausência daqueles limites, novos aspectos da matéria assumirão a função formal, e o resultado é a realidade melhor “observada”, isto é, melhor recriada. Assim, o clima desiludido de *Iaiá* permite a consideração mais desimpedida do movimento dos favores e das dependências, através do qual se desenha, sem que seja propriamente afirmada, uma unidade social — e literária — diferente. O paternalismo não está mais tratado e contido nos limites acanhados de uma só família, e o conjunto de pessoas que o livro acompanha modificou-se ligeiramente, em direção do que era a

³² Ver as observações metodológicas de Marx, segundo as quais o concreto, no trabalho da crítica social, é um *resultado* e vem no fim, uma síntese de determinações abstratas. O que procuro indicar aqui, em relação ao trabalho do romancista, é análogo. Cf. K. Marx, “Einleitung”, in *Grundrisse der Kritik der politischen Oekonomie*, Frankfurt/M., Europäische Verlagsanstalt, s.d., p. 21. Para um excelente comentário brasileiro da questão, ver J. A. Giannotti, “Contra Althusser”, in *Revista Teoria e Prática*, São Paulo, 1968, n° 3.

realidade. Em lugar da família restrita, unida por laços de sangue, e perturbada pelo contato com estranhos, veremos uma destas moléculas algo soltas e contingentes, que se podem chamar uma parentela, em que um pouco ao sabor das circunstâncias e das conveniências se associam os laços de sangue, o compadrio e os favores trocados.³³

Dizíamos que em *Iaiá Garcia* as relações entre paternalismo e interesses materiais se normalizam, o que torna mais uno o livro e é sinal de maturidade. Contudo, noutros momentos deste estudo insistimos na importância que tinha em nossa vida ideológica a citada contradição, que dadas as circunstâncias era de caráter por assim dizer insolúvel. Como ficamos? Recapitulando: em *Helena*, paternalismo e considerações de riqueza são como água e óleo, o que naturalmente era ingênuo. Em *A mão e a luva* eles coabitam escandalosamente, e a ingenuidade estava em supor que isto fosse um benefício. Já em *Iaiá Garcia* o problema aparentemente inexistente, o que em certo sentido é mais conforme com a realidade, mas noutro não é. — De modo geral, os historiado-

³³ “Um coronel era também, em geral, o chefe de extensa parentela, de que constituía por assim dizer o ápice. Esta era formada por um grande grupo de indivíduos reunidos entre si por laços de parentesco carnal, espiritual (compadrio) ou de aliança (uniões matrimoniais). Grande parte dos indivíduos de uma parentela se originava de um mesmo tronco, fosse legalmente, fosse por via bastarda; as alianças matrimoniais estabeleciam laços de parentesco entre as famílias quase tão prezados quanto os de sangue; finalmente os vínculos de compadrio uniam tanto padrinhos e afilhados, quanto a compadres entre si, de modo tão estreito quanto o próprio parentesco carnal.” O prestígio dos coronéis “lhes advém da capacidade de fazer favores”. M. I. Pereira de Queiroz, “O coronelismo numa interpretação sociológica”, in Boris Fausto (org.), *História geral da civilização brasileira*, tomo 3, vol. I, São Paulo, Difel, 1975, pp. 164-5 e 171. Também na capital a questão se colocava, mas de modo um pouco diverso, que é justamente o assunto de *Iaiá Garcia*.

res concordam em dizer que a partir de 1850 o Rio de Janeiro entrava em nova fase, com melhoramentos urbanos, dinheiro disponível, lojas, luxos, fundação de bancos, especulação financeira, falências etc. Para o que nos interessa, trata-se da entrada da forma-mercadoria e de seus efeitos ideológicos — o fetichismo, que consiste em ver na mercadoria não o efeito, mas a razão dos relacionamentos sociais, o que é contrário às relações paternalistas, que naturalmente se querem primeiras³⁴ — para a vida cotidiana, sem que se transformasse a base escrava da economia. É claro, no entanto, que o paternalismo não terá impedido os ricos e poderosos de brilharem também nesta área, que aliás lhes pareceria o complemento natural e moderno de seu poder, cujo fundamento sempre fora o capital. Mas é claro também que a ideologia secretada pela introdução da mercadoria no cotidiano é contrária ao relacionamento paternalista. Assim, talvez seja possível dizer que havia contradição, mas que ela não expressava um antagonismo entre classes, ou antes que expressava duas formas de um mesmo poder, que aos poucos e sempre conforme a sua conveniência passava de uma para a outra, sem que a dissolução dos vínculos tradicionais tivesse caráter subversivo. A inanidade histórica (local!) desta contradição — que do ponto de vista moral entretanto era estridentíssima, além de estar assimilada à outra, entre as relações feudais e capitalistas, que catalisava a totalidade da ideologia européia da época — é o fundamento do cinismo

³⁴ K. Marx, “O fetichismo da mercadoria”, in *Das Kapital*, Berlin, Dietz, 1972, cap. 1, § 4. Ver a propósito o belo estudo de Pierre Villar sobre a presença literária do fetichismo do dinheiro na Espanha de Cervantes, “The age of Don Quixote”, in *New Left Review*, nº 68, Londres. Machado registrou o fenômeno com frequência, na crônica, na figura do próprio Procópio Dias, em Cristiano Palha, em Batista etc.

de *A mão e a luva*, o qual, se lhe descontarmos o otimismo, já é o mesmo da segunda fase de Machado: com estardalhaço, dinheiro e paternalismo se põem juntos. Já em *Iaiá Garcia* a mesma contradição mal é notada. Procópio Dias é um negociista e autêntico representante do dinheiro desalmado, mas não é nesta qualidade que participa dos conflitos do romance. O próprio Jorge a princípio é um dândi da rua do Ouvidor, porém as questões do luxo mundano são indiferentes aos conflitos em que ele será parte. Noutras palavras, o desquite entre a tradição social e a força do dinheiro, que dá a esta última o *frisson* diabólico e literário, tem papel apenas pitoresco. Já Valéria, cuja fortuna de fato influi no curso dos conflitos, dispõe de suas posses de maneira tradicional — e naturalmente em conformidade com os seus desígnios familiares — dotando as duas moças pobres que lhe freqüentavam a casa, Estela e Iaiá. Assim, o dinheiro neste romance não tem existência autônoma, e aparece direta e “naturalmente” vinculado ao poder paternalista, do qual é um apêndice não-contraditório. Uma solução que tem a relativa verdade que já vimos, e que do ponto de vista da unificação literária é vantajosa, — mas ao preço de recuar da sociedade contemporânea, que está muito mais presente em *A mão e a luva*, tão mais pobre noutros aspectos. Por mais rigorosa que seja a análise das relações paternalistas, a exclusão da esfera do dinheiro autônomo tem um efeito idealizador, e dá aos conflitos deste livro uma dignidade antiga, que os outros, mais perseguidos pelo dinheiro, não têm. Por outro lado, a idealização não parece forçada, e talvez se possa dizer que consiste simplesmente num modo um pouco velho de encarar a sociedade contemporânea, nos termos que foram próprios à sua fase anterior, quando a presença do dinheiro e da mercadoria no relacionamento pessoal ainda seria menor, — um modo de ver que de certo continuava muito generalizado e acatado, embora já não viesse a propósito, e representasse uma renúncia intelec-

tual. Seja como for, empurrada por uma porta, a realidade voltaria pela outra. As questões da dependência e independência de Estela e Luís Garcia, em cuja análise Machado empenhava o seu brio de escritor, farão com que estas mesmas contradições reapareçam — noutra plano e nem sempre voluntariamente — e com elas a modernidade. Vejamos.

O clima nos episódios iniciais do livro é de constrangimento. Desde as primeiras páginas sabemos que nada é tão caro a Luís Garcia quanto a independência e a distância. Não obstante, ele atende prontamente ao bilhete de Valéria Gomes, que incomodava o seu horário de trabalho, como fica bem claro; e depois de opor alguma resistência à viúva, ele consente no obséquio que ela lhe pede, embora seja contrário à sua convicção. Por que obedece? Não se saberá. Em troca, este seu silêncio nos permite situar a personagem, e nalguma medida o próprio romance. Trata-se de uma figura que já não admite a dependência pessoal, e que não pode portanto motivar com ela o seu comportamento. Por gosto e discurso, Luís Garcia não deve nada a ninguém. Porém na prática, ainda que contra a vontade... Antecipando sobre as conseqüências, note-se que neste quadro as motivações e compensações do comportamento real não podem se exprimir, pois são tidas como indecorosas, ao passo que as motivações expressas estão sempre sendo frustradas — o que é a receita para um livro abafado.

O primeiro retrato de Luís Garcia é feito de um acúmulo de negativas. É um viúvo taciturno e retraído, funcionário público, que habita uma casa retirada e sem luxo algum. Metódico e trabalhador, mesmo as suas qualidades menos inóspitas são contrárias à espontaneidade: é inofensivo, e as suas maneiras modestas e corteses são frias. Há também os traços francamente antipáticos: não retribui afeições, tem laivos de desdém, e uma ruga sardônica no coração. Contudo, para surpresa do leitor, “nem por

isto era menos amigo de obsequiar. Luís Garcia amava a espécie e aborrecia o indivíduo. Quem recorria a seu préstimo, era raro que não obtivesse favor. Obsequiava sem zelo, mas com eficácia, e tinha a particularidade de esquecer o benefício antes que o beneficiado o esquecesse”³⁵. Pelo visto, uma espécie de misantropia que não é contrária às relações paternalistas, e até as favorece, contrariamente ao que poderia parecer. Note-se ainda que Luís Garcia *elegera* a casa retirada e *queria* a solidão, o que dá um traço voluntário à sua figura, que, neste ponto, é comparada aos frades que habitavam o morro em frente, onde também buscavam refúgio contra a labutação civil.³⁶ Mais adiante, pensando na filha, que sonha em ser professora de piano: “Demais, que lhe poderia ele desejar, senão aquilo que a tornasse independente e lhe desse os meios de viver sem favor?”³⁷. Retraimento, disposição de obsequiar, aversão ao obséquio, estima pela independência, são noções díspares e, em parte, incompatíveis. Para apreciar o alcance deste retrato, bem menos negativo do que parece, e que em certo sentido será mesmo um ideal — uma viravolta que já vimos a propósito de Guiomar, cujos defeitos também se revelavam virtudes à luz do contexto prático — é preciso acompanhar a personagem em sua visita à viúva Gomes.

Valéria quer mandar o filho Jorge ao Paraguai, como “voluntário”, a fim de o afastar de Estela. Quando chama Luís Garcia, é para que este aperte o rapaz. As razões que ela dá são patrióticas, mas Luís Garcia não acredita nelas, e procura se furtar: “não tinha ânimo de aceitar a incumbência e não queria aberta-

³⁵ *Iaiá Garcia*, pp. 299-300.

³⁶ *Idem*, p. 299.

³⁷ *Idem*, p. 303.

mente recusar; procurava um meio de esquivar-se à resposta”³⁸. Valéria, entretanto, lança mão de todos os meios. Já a sua carta tivera este sentido de recurso, e saía do comum, pois dizia precisar de “conselhos”,³⁹ o que era dar muita “solenidade”⁴⁰ às relações entre uma viúva rica e um modesto funcionário, a quem a família tinha o costume de pedir serviços ocasionais⁴¹. O motivo patriótico por sua vez é irrepreensível, mas a sua vantagem principal na circunstância era de envolver a dama e o funcionário num desejo comum. Como Luís Garcia não mostre entusiasmo, Valéria gaba o respeito que Jorge lhe tem — o que é também falso, pois como diz o narrador a relação entre eles não é desta ordem⁴², e logo adiante o moço sorrirá duas vezes dos conselhos de Garcia, uma com desdém, outra com afabilidade.⁴³ Diante de mais esquivas do funcionário, Valéria morde o lábio e faz um gesto de despeito, mas insiste ainda, agora em nome da estima que a família e ela lhe merecem, o que praticamente inverte a hierarquia entre os dois.⁴⁴ Acuado, Luís Garcia acede “frouxamente”,⁴⁵ para logo recuar outra vez, quando Jorge lhe explica, sem entretanto revelar o nome da moça, o verdadeiro motivo de Valéria.⁴⁶ Nova investida da viúva, que se deixa ficar

³⁸ *Idem*, pp. 305-6.

³⁹ *Idem*, p. 299.

⁴⁰ *Idem*, p. 304.

⁴¹ *Idem*, p. 307.

⁴² *Idem*, p. 306.

⁴³ *Idem*, p. 309.

⁴⁴ *Idem*, p. 306.

⁴⁵ *Idem, ibidem*.

⁴⁶ *Idem*, p. 308.

contra o portal e se queixa da solidão em que está. Tomando a mão de Luís Garcia, mente-lhe em voz sumida, dizendo que Jorge quer a uma senhora casada, e que esta é a verdadeira razão para afastá-lo do Rio.⁴⁷ Mais levemente, a mesma insinuação por assim dizer cênica viera já no início do capítulo, onde Valéria também dava a mão a Luís Garcia, e era considerada pelo narrador do ponto de vista de seus atrativos: “Valéria recebeu-o afetuosamente, estendendo-lhe a mão, ainda fresca, apesar dos anos, que subiam de quarenta e oito”⁴⁸. Nas restantes páginas do livro, nenhuma palavra mais sobre esta hipótese, que desaparece como um mau pensamento (mesmo nos dois breves instantes mencionados, em que alguma coisa paira no ar, o assunto não chega a ser batizado, o que é um exemplo das presenças tácitas características deste livro). Por outro lado, o argumento do adultério deixa sem resposta Luís Garcia, que finalmente aprova a viúva e promete auxiliá-la.⁴⁹ “Era noite quando Luís Garcia saiu da casa de Valéria. Ia aborrecido de tudo, da mãe e do filho, — de suas relações naquela casa, das circunstâncias em que se via posto.”⁵⁰

Noutras palavras, ao mesmo tempo que Valéria pede a Luís Garcia um obséquio que ele não quer e acha que não deve fazer, ela lhe oferece toda sorte de compensações imaginárias, todas ligadas à supressão da diferença social que os separa. De sorte que os conselhos de Luís Garcia seriam ouvidos, a sua pessoa seria respeitada, a sua estima seria tida em grande conta na família do Desembargador, e ela, Valéria, estaria tão sozinha e precisada de

⁴⁷ *Idem*, p. 310.

⁴⁸ *Idem*, p. 304.

⁴⁹ *Idem*, p. 310.

⁵⁰ *Idem, ibidem*.

ajuda que nem mesmo o amor entre os dois estaria excluído. Entretanto, sabemos que Valéria não queria ouvir conselho nenhum, que a história do respeito era invenção, que se pudesse obrigaria Luís Garcia à força, e que logo adiante, para completar a obra, ela lhe arranjaria o casamento com Estela, que não só não é uma senhora rica, como é uma moça pobre. E sabemos principalmente que por presunção social, Valéria quer impedir a entrada em sua família desta mesma moça, que aliás é das mais estimáveis e merece um excelente marido na opinião da própria viúva. Em suma, esta última em matéria de desprante vai longe, improvisando segundo as necessidades do momento, e sem temer as viradas bruscas, nas quais se manifestam justamente o aspecto discricionário, a impunidade tranqüila da autoridade paternalista, que no caso têm a cobertura suplementar da “feminidade”. — Quanto a Luís Garcia, ele forma o seu juízo com independência, não acredita nas palavras da viúva, sente-se “aborrecido” entre as promessas e pressões que ela faz, mas não vai ao ponto de “abertamente recusar”. Concorde “frouxamente”, que é a maneira pela qual neste livro se assumem as relações sociais: com mil reservas. Por outro lado, vistas as coisas em seu conjunto mais amplo, faz Luís Garcia muito bem, pois logo adiante Valéria dará um dote a Iaiá, filha do primeiro casamento de Luís, e outro a Estela, que será a sua segunda mulher, com o que a vida do funcionário melhora bastante.

Resumindo, um movimento em que de baixo para cima se trocam serviços por apreço, enquanto que em sentido inverso, mas sem que a conexão entre os dois momentos se explicita, o apreço se traduz em benefícios materiais. Ponto de passagem obrigatório e nevrálgico nesta troca diferida é o arbitrário da gente de posses, cuja benevolência não é nunca inconcebível, e em cujo poder está até mesmo a anulação da diferença entre as partes, pela cooperação — sem esquecer o outro pólo do arbitrário, que é a

prepotência — de modo que à parte dependente é sempre permitido alimentar fantasias, de que a parte dominante abusa conforme lhe convenha. Os pressupostos sociais são os mesmos dos livros anteriores, mas o movimento aqui é mais complicado, e sobretudo está em termos que em plena era burguesa eram difíceis de dignificar. À sua luz, os casos de Helena e Guiomar ficam simplórios.

Este o contexto para compreender o que representa Luís Garcia. O seu retraimento sistemático o defende das ilusões que a componente de capricho, inseparável das relações paternalistas, efetivamente autoriza. Esta ilusão com fundamento é, segundo Luís Garcia, o verdadeiro mal. É enquanto resposta a ela que os traços negativos do funcionário se tornam virtudes, e a sua figura intencionalmente apagada e pouco atraente se transforma, nalguma medida, em *ideal*, — uma viravolta, seja dito entre parêntesis, em que o desejo de idealizar e aperfeiçoar se aliava a um grau de ceticismo incomum. Dado que a fortuna e as distinções sociais estão na dependência do favor, e portanto das quimeras da gente rica, o melhor é abafar as esperanças e ambições. Inevitavelmente, estas entregam a parte dependente atada de pés e mãos, como um brinquedo. *Ora nada é tão detestável e indigno como dar a intimidade dos próprios anseios em espetáculo ao desfrute alheio.* A humilhação das humilhações, aquela que é visada neste livro, não está nas relações de dependência enquanto um fato, mas nas ilusões que as acompanham, e sobretudo no gozo muito particular que acompanha estas últimas. Existe uma espécie de libidinagem do paternalismo — abordada obliquamente em *Helena* — que a Machado neste momento causava horror, em cuja exploração entretanto ele iria se comprazer ao infinito nos romances da segunda fase — dois anos mais tarde! — de que ela seria a matéria por excelência. Assim, recusando-se as imaginações que lhe insinuava Valéria, Luís Garcia deixava sem eco a diferença social, que

ficava reduzida à sua expressão mais simples (e injustificável, embora jamais criticada). Um duro juízo: um regime que torna desfrutáveis as pessoas pelas suas melhores qualidades, pelo natural desejo de distinção e reconhecimento, enquanto que só o desencanto completo lhes defende a dignidade contra as indecências da ilusão social. Nestas circunstâncias, a melhor homenagem que um homem presta à sua humanidade é não deixar que ela desabroche. Na mesma linha, o livro chega a encarniçar-se contra tudo que é imaginário e espontâneo. Valoriza o casamento sem amor, mas sem ilusão,⁵¹ toma o partido do adulto contra o infantil,⁵² do durável contra o passageiro,⁵³ vê com relatividade o patriotismo, como aliás qualquer outro entusiasmo, e na passagem que citamos, em que os estudos de piano de Iaiá são lembrados como uma possível garantia de independência econômica, o narrador se apressa em acrescentar que ela não tinha talento: “que importa? Para ensinar a gramática da arte, era suficiente conhecê-la”⁵⁴. É como se um pouco de gosto fosse já fatal, pois descobre ao público um pedaço de intimidade, que é por onde a corrente das ilusões pega e nos pode tragar. Em suma, uma ascese triste, que não se liga a absoluto algum. A coleção das privações não leva ao céu nem espiritualiza, nem é também ligada à valorização do trabalho. Destina-se apenas a escapar à humilhação do logro.

Contudo, isto não quer dizer que Luís Garcia se furtasse à prática do favor. Já vimos que “nem por isto era menos amigo de obsequiar. [...] Quem recorria a seu préstimo, era raro que não

obtivesse favor. Obsequiava sem zelo, mas com eficácia, e tinha a particularidade de esquecer o benefício, antes que o beneficiado o esquecesse”.⁵⁵ A expressão-chave é “sem zelo, mas com eficácia”. Em sua primeira metade, encontramos o desencanto nosso conhecido. Luís Garcia presta os seus favores a frio, sem maior envolvimento pessoal, a ponto de esquecer-los depressa, o que o preserva da traficância de imaginações que acompanha o obséquio paternalista. Neste sentido trata-se de limpar a troca de favores de seu aspecto caloroso e indigno, ligado às relações de dependência, de que Machado tinha uma análise tão dura. Por outro lado, esta limpeza tem também o caráter de uma *racionalização*. É como se na ausência de empenho pessoal o fluxo dos favores corresse mais numeroso e eficaz. Os obséquios seriam feitos a não importa quem e sem razões subjetivas, o que os assimila a um serviço corrente prestado à sociedade, e os separa das personalizações do poder, que seriam não só degradantes, como contrárias à eficácia. Esta a ideologia da personagem, que muito refletidamente representa uma crítica de nossos males, e um remédio, como aliás já acontecia com Helena e Guiomar.⁵⁶

Antes de mais detalhes, note-se que esta idéia de obséquio impessoal é uma contradição em si mesma. Guarda a forma da

⁵⁵ *Idem*, pp. 299-300.

⁵⁶ Para um comentário prático a esta impessoalização do favor, ver a correspondência com Nabuco. “Suponho que V. tem sempre o mesmo sinal para indicar que o pedido não é inexorável, mas um tanto forçado. Eu assim o entendi e mostrei ao Graça Aranha”, lê-se numa resposta de Nabuco. Ao que parece, Machado não se negava a transmitir solicitações a seu eminente amigo, mas discretamente assinalava os casos em que não punha empenho. Assim, havia comunicado o desejo de Luís Guimarães Jr., que gostaria de ser chamado para uma vaga na missão que Nabuco chefiava na Europa. Cf. *Correspondência*, Rio de Janeiro, Jackson, 1955, pp. 45-7.

⁵¹ *Idem*, p. 335.

⁵² *Idem*, pp. 303, 320, 330.

⁵³ *Idem*, p. 402.

⁵⁴ *Idem*, p. 303.

relação social e dispensa o seu móvel, que lhe parece inaceitável (as satisfações e vantagens ligadas à obrigação de favor). Algo de análogo aos militares nossos contemporâneos, que defendem o capitalismo, mas não gostam do lucro. Isso posto, do ponto de vista ideológico era uma fina solução, pois conciliava os interesses dos dependentes, dos proprietários, e a inspiração moderna. De fato, a impessoalidade suprimia as desvantagens morais da dependência, mas não o seu fundamento, ao mesmo tempo que representava a apropriação, sem quebra de contexto, do espírito do tempo: aperfeiçoava-se o obséquio, que se assimilava quanto possível, pela via de sua estilização, à troca e ao serviço impessoais, e o dependente se concebia como um funcionário do fluxo de favores. Acresce que os critérios da impessoalidade e da eficácia são, eles próprios, um tributo à ideologia burguesa clássica, embora em sua vertente utilitária, que a Machado pareceria ter mais realidade que a vertente liberal. Ainda nesta direção, os hábitos regulares e metódicos de Luís Garcia, a sua moderação, gravidade etc., que são parte do clima triste que o cerca, podem ser vistos também como elementos da ética do trabalho e da autonomia pessoal. E, para completar esta lista de acomodações modernizantes, há o criado Raimundo, em que se combinam traços da escravidão, da África, do feiticismo, e do mordomo inglês. — Do ponto de vista prático, era uma ideologia para *civilizar* a ordem reinante, mais que para mudá-la. Ainda uma variante do paternalismo esclarecido. Já do ponto de vista literário, é interessante ver a maneira oblíqua pela qual Machado se inspirava no mundo contemporâneo, cujas questões não desconhece, mas não deixa também que se substituam ao seu senso da realidade, a que mal ou bem elas se subordinam no processo da elaboração intelectual. Uma convicção não-fanática da prioridade da experiência própria e nacional, que é difícil, pois significa enfrentar a enorme superioridade intelectual do mundo dito civilizado, sem

curvar-se e também sem fechar-se a ela. O fenômeno é raro, como aliás indica a impressão de milagre que Machado adiante causará, quando estiver mais depurado sob este aspecto. Por outro lado, esta é uma razão, embora secundária, do pouco brilho deste livro: as questões de que ele trata têm peso, mas não estão em sua versão de espavento.

Contudo, há também os planos em que a síntese não se completa. Assim, a tensão entre o paternalismo e o sentimento burguês das coisas não é conflito somente interior às personagens. Muitas vezes, ela é também hesitação técnica e ideológica do narrador. Por exemplo nas primeiras páginas do livro, em que as maneiras frias e retraídas de Luís Garcia deixam supor uma história de sofrimentos e desenganos, que as explique, e que no entanto não vem. É que Machado apresentara modos correntes do paternalismo, que não pedem explicação biográfica, como sendo traços estranhos e particulares, o que eles certamente seriam em coordenadas burguesas. Em consequência, o funcionário começa como um esquisitão misterioso, e termina como o mais normal dos homens. A questão pode ser vista também pelo prisma do empréstimo literário, pois o rosto enigmático, de que ocorrências passadas e aspectos singulares da sociedade contemporânea nos darão a chave, é um começo clássico de narrativa realista. Mas não serve ao romance em tudo contrário à surpresa e ao excepcional que Machado queria escrever.⁵⁷

⁵⁷ W. Benjamin relaciona a voga oitocentista da análise fisiognômica (as "fisiologias") com o anonimato citadino e a universalização das relações de concorrência. O mito do rosto legível serviria de calmante à inquietação que acompanha a vida entre indivíduos hostis e concorrentes. Cf. W. Benjamin, "Der Flaneur", in *Charles Baudelaire*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 1969. Para um exemplo caricato, ver as páginas de abertura do *Cousin Pons* de Balzac. O contexto de *Iaiá Garcia*, evidentemente, não era este.

De maneira mais profunda, o mesmo problema aparece nas idas e vindas entre Valéria e Luís Garcia, em que as razões de descontentamento para um e outro, mas sobretudo para Luís, vão se sucedendo. Dado o caráter independente deste, o leitor imagina que a acumulação vá culminar num afrontamento, o qual no entanto também não vem. É que as manobras de Valéria não são contabilizadas, como seria de crer, na coluna das infrações à liberdade alheia, mas sim como manifestações de sua posição e vontade, a que o dependente pode fugir um pouco, mas que ele não contraria e não julga, e, sobretudo, cuja legitimidade não está nas razões apresentadas, mas nos benefícios feitos. Ora, estes são aspectos que dada a ideologia do funcionário e do livro parecem indecorosos, e que em conseqüência ficam no escuro. Assim, os conflitos que a fisionomia moral das personagens faz esperar não desabrocham, e as várias acomodações ligadas à complementaridade real dos interesses não se comentam nem se explicitam. Este é o aspecto formal onipresente e mais importante do livro — um defeito, mas só em parte — a que voltaremos em pormenor. Por ora, retenhamos apenas o seu efeito frustrado de tensão perdida, devido à maneira hesitante de apresentar a personagem, ora como um cavalheiro da segunda metade do século XIX, ora como um homem dependente em contexto paternalista. No episódio mesmo da visita de Luís Garcia esta vacilação se acompanha facilmente. Como vimos, Machado procurava conceber um comportamento discreto e impessoal, por assim dizer esclarecido, que livrasse a dependência de sua indignidade. Ocorre que para dignificar mais convincentemente a sua criação, Machado acabava lhe emprestando traços de elegância e de conselheiro, cujos pressupostos eram outros. A personagem claudica, pois desaparece o nervo de seu comportamento, que se prende justamente à sua posição social precária. Assim, Luís Garcia é interessante quando está na defensiva, quando não aceita nem re-

cusar, mas se esquiva,⁵⁸ quando não se atreve a formular a dúvida,⁵⁹ quando tenta conciliar os desejos de Valéria com a sua própria neutralidade,⁶⁰ quando adota um meio-termo,⁶¹ quando aceita frouxamente,⁶² quando recusa mas não pode resistir às instâncias da viúva,⁶³ quando examina a furto a expressão nos olhos de Jorge,⁶⁴ quando procura escapar-se depois da janta sem falar ao moço,⁶⁵ quando confirma com o silêncio uma pia fraude de Valéria,⁶⁶ quando não se anima a perguntar,⁶⁷ e sobretudo quando volta para casa aborrecido de tudo, da mãe, do filho, e das circunstâncias em que se via posto.⁶⁸ A outra linha porém, na qual a tensão se perde, está igualmente presente. Aqui, Luís Garcia é um cavalheiro obsequioso, mas não obrigado, que trata Valéria de igual para igual, que lhe faz observações justas sobre a desproporção do que ela pede,⁶⁹ que se exercita em epigramas,⁷⁰ que superiormente não crê em pressentimentos,⁷¹ que é dito cético

⁵⁸ *Iaiá Garcia*, p. 306.

⁵⁹ *Idem*, p. 305.

⁶⁰ *Idem*, p. 306.

⁶¹ *Idem, ibidem*.

⁶² *Idem, ibidem*.

⁶³ *Idem*, p. 307.

⁶⁴ *Idem, ibidem*.

⁶⁵ *Idem, ibidem*.

⁶⁶ *Idem*, p. 308.

⁶⁷ *Idem, ibidem*.

⁶⁸ *Idem*, p. 310.

⁶⁹ *Idem, ibidem*.

⁷⁰ *Idem*, p. 306.

⁷¹ *Idem, ibidem*.

mas não duro,⁷² o que dá ao seu comportamento um fundamento de compaixão e não de dependência social, que conclui friamente sobre as razões de Valéria,⁷³ que acha de mau gosto confiar à guerra um problema que o padre resolveria melhor,⁷⁴ que acha enfadonho o pedido de discrição que Jorge lhe faz, pois entre cavalheiros estas coisas são evidentes,⁷⁵ que fala francamente à viúva⁷⁶ etc. Embora tenha reconhecido a fundo a situação do inferior e as suas razões de resistir, e quisesse valorizá-las, Machado vai buscar os termos com que lhes dê brilho, o brilho mesmo que queria lhes reconhecer — nos modos da gente rica.

Embora mais forte, Estela é a réplica feminina de Luís Garcia. São duas figuras e situações paralelas, independentes uma da outra a princípio, o que dá generalidade social a seus problemas e reações. Como o seu par, Estela é caracterizada pela renúncia, de natureza defensiva e não ascética.⁷⁷ Para compreender-lhe a rigidez, é preciso passar pelo filho de Valéria, assim como passamos por Valéria para compreender o retraimento de Luís Garcia.

Depois de semanas de resistência, Jorge concorda em ir para a guerra. Não é para obedecer à mãe, nem para ouvir a Luís Garcia, é para buscar a estima de Estela, que não lhe pedira nada disso. Esta espécie de desencontro de motivos, diga-se de passagem, é constante em *Iaiá Garcia*, e veremos que é um princípio formal. No momento, nos interessa que esta não foi nem será sempre a

⁷² *Idem, ibidem.*

⁷³ *Idem*, p. 308.

⁷⁴ *Idem*, p. 309.

⁷⁵ *Idem, ibidem.*

⁷⁶ *Idem*, p. 310.

⁷⁷ *Idem*, p. 313.

atitude de Jorge, que variou. A princípio, quando Valéria traz a moça para a sua casa, esta causa no rapaz “uma impressão forte”⁷⁸. Jorge a procura com os olhos, “linguagem que a moça não entendia, ou fingia não entender”⁷⁹. Quem era ela para o afrontar assim? — pergunta-se o moço, querendo dizer que uma agregada não diz não. Como ela continue a lhe fugir, a “fantasia sensual do primeiro instante”⁸⁰ se transforma, e no fim de um mês “a índole do sentimento [...] era mais pura”⁸¹. Estela continua a evitá-lo, o que era “um agulhão mais”⁸², e provocaria a mesma pergunta uma segunda vez: “Quem era ela para o afrontar assim?”⁸³. O reflexo de classe desta vez é mais duro: “Saiba que posso vir a odiá-la e que talvez já a odeio; saiba também que posso tirar vingança de seus desrezos, e chegarei a ser cruel, se for necessário”⁸⁴. Estela não responde, vira-lhe as costas e beija os pom-binhos que tem na mão. Jorge: “— Por que há de gastar, com esses animais, uns beijos que podem ter melhor emprego?”⁸⁵. Continuando, “puxou-a até si e antes que ela pudesse fugir ou gritar, encheu-lhe a boca de beijos”⁸⁶. Este é o ápice dramático do livro. Daí em diante, o moço machucado pelo remorso procura reabilitar-se aos olhos da agregada, e torna-se respeitoso. “[...]”

⁷⁸ *Idem, ibidem.*

⁷⁹ *Idem, ibidem.*

⁸⁰ *Idem*, p. 314.

⁸¹ *Idem, ibidem.*

⁸² *Idem*, p. 313.

⁸³ *Idem*, p. 316.

⁸⁴ *Idem*, p. 317.

⁸⁵ *Idem, ibidem.*

⁸⁶ *Idem, ibidem.*

cabia uma parte da influência à severidade do caráter de Estela, que acabou por inculcar no espírito de Jorge idéia diferente da que ele a seu respeito fazia”.⁸⁷ A tal ponto, que durante quatro meses “Jorge forcejava por apagar a lembrança daquele episódio, havendo-se com o respeito e a consideração que lhe pareciam bastantes para resgatar a estima perdida”.⁸⁸ Só quando perde a esperança “de a vencer pelos meios ordinários”⁸⁹, ele aceita a proposta de se alistar no exército. Na véspera da partida, esta fase de penitência culmina numa declaração de amor em boa forma, que equivale a um pedido de casamento. O orgulho de Estela não deixa que ela se contente com a reparação, e ela responde com “esta palavra má e desdenhosa: — O senhor é um tonto”⁹⁰. Jorge parte, e nos campos do Paraguai o seu amor se transformará em “uma fé religiosa”⁹¹. Quatro anos mais tarde, quando regressa ao Rio, encontrará casados Estela e Luís Garcia. Durante algum tempo lhes evita a casa, que depois passa a freqüentar com sentimentos confusos, os quais adiante se esclarecem, quando um médico lhe explica que o dono da casa sofre do coração e tem poucos meses de vida. Entre parêntesis, este é um dos elementos responsáveis pelo clima adulto do livro, notável em nossa literatura incipiente: Machado não se limitava ao amor dos jovens, e tratava longamente as ambigüidades do amor da gente casada. “Pensava muitas vezes na conseqüência de herdar em breve prazo a esposa de Luís Garcia, resolução que lhe parecia necessária;

⁸⁷ *Idem*, p. 318.

⁸⁸ *Idem*, p. 319.

⁸⁹ *Idem*, *ibidem*.

⁹⁰ *Idem*, p. 321.

⁹¹ *Idem*, p. 325.

era o que ele dizia a si mesmo. E esse casamento tinha dois resultados: era uma reparação e uma desforra: reparação do mal que fizera, desforra do tratamento que ela lhe deu”.⁹² Pouco tempo depois Jorge se desinteressava de Estela — “entre duas xícaras de chá”⁹³, como diz a moça — e casa com a sua enteada Iaiá, filha do primeiro casamento de Luís Garcia.

Com este resumo, o leitor terá idéia da crueza não-naturalista que Machado e o livro visavam, ligada ao intento de apurar as humilhações próprias ao paternalismo. E terá idéia também do grau de arbitrariedade a que se vê entregue o dependente, sobretudo se for mulher. Assim, o que do ângulo de Jorge é uma evolução sentimental, do ângulo da agregada é o leque dos acidentes que lhe reserva o amor de um moço rico — entre o grande prêmio de um casamento improvável, a brutalização, a “queda” e o esquecimento. Neste contexto de desigualdade extrema, em que as veleidades de um são quase o destino do outro, se explica e admira a conduta de Estela, uma singular mistura de obediência, desejo de evitar afrontamentos, e resistência sem concessão. Amando e sendo amada, Estela disfarça e “estrangula” o seu sentimento: “Nunca! jurou ela a si mesma”⁹⁴. Anti-romanticamente, a distância social prevalece contra o amor, mas isto por convicção da própria valia, e não por tradicionalismo. Daí que as negativas muito decididas de Estela tenham elas mesmas alguma vibração romântica, pois na fuga à relação desigual ecoa a recusa da desigualdade ela própria, além de se insinuar uma concepção mais exigente do amor, de que a situação de dependência seria indigna.

⁹² *Idem*, pp. 348-9.

⁹³ *Idem*, p. 402.

⁹⁴ *Idem*, p. 315.

Estela considera a dependência e os obséquios com os mesmos olhos de Luís Garcia, mas sendo mulher a sua margem é menor. Vive em casa de sua protetora, que deposita nela “as suas idéias e enxaquecas”⁹⁵, e à qual Estela é “obediente e grata”⁹⁶. Faz parte do espírito realista do livro que a agregada, a despeito de sua índole orgulhosa, aceite com naturalidade os favores que lhe são necessários para viver, e que faça o necessário para merecê-los. Diz Valéria, com estima: “nunca me desatendeu, e nunca me adulou”.⁹⁷ Em dado momento, Valéria lhe oferece mesmo um dote. A primeira reação da moça é não aceitar, pois a bolsa da mãe e do filho são a mesma, mas rapidamente ela volta “à realidade da situação”⁹⁸, e concorda. Dentro do campo estreito e opressivo que é o seu, ela procura uma espécie de obediência sem baixa, que corresponde aos obséquios frios de Luís Garcia. O que entretanto a constrange é a corte de Jorge. Esta sim lhe parece atentar à sua dignidade. Luís Garcia esfriava a troca de obséquios para opor um dique aos descaramentos da imaginação, sempre ávida de grandezas sociais, e portanto desfrutável. É neste mesmo sentido que Estela é adversária decidida do romanesco. O amor de um moço rico de fato pode suprimir as distâncias sociais, o que aos olhos da agregada não o valoriza. Pelo contrário, sublinha o desamparo de uns e o capricho impune de outros, além de alimentar esperanças indignas, que é preciso recusar. Assim, a dignidade de Estela como a de Luís Garcia se constroem como resposta à arbitrariedade de seus protetores, e especialmente a seu

⁹⁵ *Idem*, p. 330.

⁹⁶ *Idem*, p. 318.

⁹⁷ *Idem*, p. 314.

⁹⁸ *Idem*, p. 329.

aspecto mais veleitário, que é onde se concentra o caráter pessoal e degradante da subordinação.

“Simples agregada ou protegida, não se julgava com direito a sonhar outra posição superior e independente; e dado que fosse possível obtê-la, é lícito afirmar que a recusara, porque a seus olhos seria um favor, e a sua taça de gratidão estava cheia”.⁹⁹ O leitor veja que a primeira parte da frase é modesta e conformada, enquanto a seguinte é desabusada e orgulhosa. Nesta segunda, a inferioridade parece transformar-se em superioridade. Seja como for, a dualidade reproduz a síntese de submissão e dignidade que Estela procurava. Mais de perto, note-se que a recusa é exasperada — a taça que estava cheia — e que a causa da exasperação está na repugnância pelo favor. Este movimento se completará no final do livro, quando Estela abandona a esfera familiar pela do trabalho, e pede ao pai que a acompanhe, para cessar “a vida de dependência e servilidade que vivera até ali”¹⁰⁰. Noutras palavras, o rigor com que Estela se apega à condição de subalterna é expressão de seu sentimento de igualdade, e lhe serve para ficar a salvo de seus protetores e para impedi-los de exorbitar. Assim, por exemplo, quando ela põe Jorge no seu devido lugar de moço rico — “o senhor é um tonto!” — do qual justamente ele queria sair. Não aceitando ficar em pé de igualdade, Estela não só priva o rapaz da possibilidade de lhe fazer um obséquio, como não lhe reconhece qualidade para fazê-la “subir”, ao mesmo tempo que não lhe perdoa a diferença social. São meandros interessantes da apropriação do sentimento igualitário no interior do contexto paternalista. Ainda no trecho citado, com risco de forçar um pouco a mão, observe-se que o “direito” a que

⁹⁹ *Idem*, p. 315.

¹⁰⁰ *Idem*, p. 406.

a agregada não aspira não se refere diretamente à “posição superior e independente”, mas a “sonhar” com a dita posição. Como Luís Garcia, Estela tem horror a sonhos desta ordem, nos quais o inferior abaixa a guarda e se deixa seduzir, além de reconhecer enquanto tal a própria inferioridade.¹⁰¹ Mais tarde, justificando o seu casamento com Luís Garcia, em que houve apenas es-

¹⁰¹ O preço da ilusão romanesca para o dependente é o assunto também de “Sabina”, um poema narrativo das *Americanas* (1875), em que Machado procura combinar a dicção neoclássica e a esfera da fazenda. A mucama — Sabina — suspira pelo filho da casa, que certa manhã a surpreende à beira do rio, no banho:

“Flor da roça nascida ao pé do rio,
Otávio começou — talvez mais bela
Que essas belezas cultas da cidade,
Tão cobertas de jóias e de sedas,
Oh! não me negues teu suave aroma!
Fez-te cativa o berço; a lei somente
Os grilhões te lançou; no livre peito
De teus senhores tens a liberdade,
A melhor liberdade, o puro afeto
Que te elegeu entre as demais cativas,
E de afagos te cobre! Flor do mato,
Mais viçosa do que essas outras flores
Nas estufas criadas e nas salas,
Rosa agreste nascida ao pé do rio,
Oh! não me negues teu suave aroma!”

Sabina, que não é Estela, cede. A moral não tarda: enquanto a cativa espera um filho “[...] o coração do moço, tão volúvel como a brisa que passa ou como as ondas” vai para uma donzela de sua classe, encontrada “num dos serões da corte”, com que ele volta à fazenda, para atar “o laço conjugal”. Machado, em se tratando de uma escrava, diz o seu pensamento com menos rodeios: a esperança romanesca é especiosa. Serve aos caprichos do senhor, e desserve o dependente. Cf. *Obra completa*, vol. III, pp. 140-5.

tima: “Não vi nenhuma porta abrir-se por obséquio, nenhuma mão apertou a minha por simples condescendência. Não conheci a polidez humilhante nem a afabilidade sem calor. Meu nome não serviu de pasto à natural curiosidade dos amigos de meu marido. Quem é ela? donde veio? [...] não foi preciso descer nem subir”¹⁰². Assim, obséquio, condescendência, afabilidade e curiosidade dos ricos são humilhações a que Estela escapa ficando onde está, e sobretudo são outros tantos prazeres de que ela priva a gente fina. Noutras palavras, a cooptação é sempre degradante, e diferentemente dos romances anteriores o amor não basta para limpá-la. Pelo contrário, por ser a ilusão mais visceral, ele é a causa das humilhações mais profundas. É uma razão para descrever dele —, a qual, todavia, tem o resultado paradoxal de também preservá-lo. A solução de Estela consiste em dividir-se em duas. Dá ao paternalismo o que é dele, mas lhe recusa o amor. Uma agregada conforme e estrita, que não é tonta, forrada de uma alma incondicional mas reprimida. São impulsos opostos e combinados. Um de resistência e fortalecimento pessoal em face do arbitrário, e um bovarista. Assim, o anti-romantismo prático de Estela tem conotação romântica e igualitária, uma constelação paralela à de Luís Garcia, cujos obséquios têm conotação de impessoalidade moderna.

O resultado surpreendente de tanta sensibilidade moral é o imobilismo. De fato, é melhor que fiquem todos em seu lugar e conheçam a sua condição. Não porque a diferença social seja justa ou porque a tradição a justifique, mas porque os mediadores do movimento — o obséquio, bem como o desejo de subir — são ainda mais degradantes. Este o lado conservador destas figuras, cuja consciência da situação é aguda, sem que se trans-

¹⁰² *Iaiá Garcia*, pp. 402-3.

forme em consciência de classe. Mais exatamente, pela generalidade e pela recusa da solução pessoal a sua análise é de classe, sim. Entretanto a sua dimensão coletiva não tem seqüência, e seus resultados são vistos na ótica do decoro e da dignidade da pessoa, o que os recupera para a esfera do paternalismo. Assim, a cooptação não repugna porque é uma solução individual, que deixa na mesma os demais dependentes, mas porque é um favor, e um favor tão grande, que não há como o pagar. Nesta linha, a dívida de gratidão parece pesar mais que a inferioridade social, o sentimento de estar quite é compatível com a situação dependente, a independência pode ser um estado de dívida. Noutras palavras, a contabilidade dos favores prevalece inteiramente, e Estela e Luís Garcia são puristas do débito pessoal, muito mais que a gente de posse, que além desta contabilidade tem outra, ligada à riqueza objetiva. São aspectos que existem, e em que aparece a falta de saída histórica das camadas dependentes.

Isto quanto às convicções de Estela, que têm interesse para o nosso argumento, embora no corpo do romance não tenham muita graça. Os méritos literários e realistas da personagem entretanto existem, e encontram-se noutras passagens, menos ideológicas. Aqui e ali, o complexo das razões da moça cria saídas de uma poesia inesperada e muito particular. Veja-se por exemplo o seu alívio, quando o amado parte para a guerra, cessando o cerco vexaminoso.¹⁰³ Ou o episódio do beijo forçado, em que Estela abafa um gemido, não grita, não foge, e trata de sair da situação sem afrontar Jorge e sem aludir a qualquer direito. A sua conduta tem uma coisa canina e comovente, que não quer ser judiada, não quer morder e não quer também sair de perto. Como pano de fundo, a necessidade de não romper com a família que a pro-

¹⁰³ *Idem*, p. 319.

tege, e a decisão de não ceder.¹⁰⁴ Neste sentido ainda, veja-se a maneira que tem Estela de ficar pegada com Valéria, para não se encontrar sozinha com Jorge.

Recapitulando, a ideologia de Estela e Luís Garcia representa uma tentativa de racionalidade. O seu tempo forte está na descrença e na renúncia, que eleva estas personagens acima das outras. Racionalidade, em primeiro lugar, do ponto de vista dos dependentes, que aprendem a não investir a esperança nas fantasias de seus protetores, nem nas próprias. O desencanto lhes dá clareza, e sobretudo elimina a dependência interior, que é o cimento subjetivo da relação. Não ficam a salvo de prepotências e caprichos, o que nas circunstâncias não seria possível, mas não são também logrados, e têm a distância necessária à dignidade e à política do mal menor. Examinada nos seus atos, a autoridade social não corresponde às razões paternas que a justificariam, e liquida-se o seu mito. Noutra plano, contudo, esta crítica da arbitrariedade beneficia dos prestígios contra os quais ela se bate. A sua convergência com a racionalização burguesa lhe dá conotação modernista, e a torna benvinda enquanto ideologia. O ideal de conduta esfriada que Machado elaborava trazia o sentimento da modernidade às duas partes interessadas, e não suprimia o paternalismo. Contra as más línguas, os dependentes atestam que seus protetores não são bárbaros, enquanto que estes se abstêm de os destratar, e mesmo os tratam como homens independentes e eficazes. Noutras palavras, a crítica, o comportamento funcional e os Direitos do Homem são apropriados por veleidade e por assim dizer exteriormente, para acompanhar os tempos. Já que não acreditava na via reta, Machado tenta outro caminho, apelando para a vaidade da gente de prol... Mas voltemos à di-

¹⁰⁴ *Idem*, pp. 316-7.

mensão racional desta ideologia, que é a mais marcante das duas, para sublinhar a sua posição de classe. De fato, ela consiste na coleta, na exploração, no resumo e na crítica da experiência dos dependentes, e o seu relevo literário depende de uma apresentação numerosa e dura da arbitrariedade dos ricos. Além do que, descrença e renúncia não são apenas resultado intelectual; são prova também de valor humano, pois representam a capacidade de incorporar a reflexão à prática, mesmo com sacrifício. Ora, é certo que os poderosos em *Iaiá Garcia* não têm nenhuma destas qualidades. Ainda nos sacrifícios que fazem, Valéria e Jorge são arbitrários. Assim, no que depende da ideologia, o mérito intelectual e moral é neste livro monopólio dos dependentes. Vale a pena insistir nesta oposição, pois ela determina a parte inicial do romance, e faz esperar um afrontamento — que não virá. Páginas atrás notamos a este propósito que se trata de um defeito de construção. Agora entretanto veremos que este defeito é o aspecto mais profundo e original de *Iaiá Garcia*, de que dependem inovações formais decisivas, que nos aproximam dos romances da maturidade. Como fio condutor, sirva-nos uma impressão: a segunda parte da narrativa não responde à primeira.

O movimento inicial, que se poderia chamar de exposição, em que são armados os conflitos e problemas, fecha-se com a partida de Jorge. As tensões que viemos seguindo ficam sem atualidade imediata, em suspenso, e parece chegada a hora de um primeiro balanço. A independência de Luís Garcia sofreu com as arbitrariedades de Valéria, Estela sofreu com o desrespeito de Jorge, e este a mesma coisa com as pressões da mãe e de Luís Garcia, que servira de intermediário à viúva. Em todas as oposições, um dos pólos é o arbitrário paternalista, enquanto o outro é mesclado, mas incluindo uma referência aos direitos do indivíduo. A contradição ideológica está claramente traçada, e, em aparência, é central. Entretanto é fato que o desenvolvimento ulterior do

romance passa ao largo dela e a esquece. Neste sentido, veja-se o estranho Capítulo VI, em que pouco tempo depois da separação Valéria oferece um dote a Estela, e procura casá-la a Luís Garcia, a fim de completar o seu plano. Surpresa: nem a agregada nem o funcionário lhe querem mal, nem deixaram de lhe frequentar a casa, e o casamento convém a ambos. O próprio Jorge não guarda rancor à mãe, a quem “adorava”¹⁰⁵. Assim, desmentindo a expectativa, as contrariedades que Valéria viera criando ficam sem efeito sobre o curso da narrativa. A mola dos acontecimentos está na autoridade da viúva rica, e não nos antagonismos ideológicos ou nas questões de direito. A firmeza dos dependentes é maior que a de seus protetores, mas não parece que os conduza ao afrontamento, e, para todos os efeitos, a contradição *sumiu*. O fato é tanto mais notável, quanto a nota saliente da autoridade de Valéria é sempre o capricho, como assinala o narrador com muita insistência, aquele mesmo capricho a que o livro tem horror. Com candura e método, a viúva considera as suas vontades como sendo razões objetivas e suficientes, no que é precursora das heroínas da segunda fase. Por que motivo seria desejável que Jorge ficasse no Rio? Resposta, “porque também a mim custaria a separação”.¹⁰⁶ Quando o filho (querendo evitar complicações) lhe diz que não convinha ter Estela em casa, pois é uma estranha: “— Que importa, se me dou bem com ela”.¹⁰⁷ Agradecendo, o Sr. Antunes diz que a filha saiu à mãe, que era uma santa alma. Valéria: “Estela não o é menos. É bonita!”¹⁰⁸. Esta

¹⁰⁵ *Idem*, p. 327.

¹⁰⁶ *Idem*, p. 305.

¹⁰⁷ *Idem*, p. 328.

¹⁰⁸ *Idem*, *ibidem*.

última, enfim, é uma “qualidade simpática à viúva, que fora uma das belas mulheres de seu tempo”.¹⁰⁹

As observações a fazer são várias. Vimos que a dimensão ideológica reflete e valoriza o ponto de vista dos dependentes. Veremos agora que a dimensão do enredo é comandada pelo arbitrário de seus protetores. Digamos que, para se formularem, problema e conflito se alimentavam de uma vaga apropriação do igualitarismo burguês, ao passo que a sua evolução “real”, isto é, a evolução que lhes imprime o enredo, corre nos trilhos da dependência pessoal, cujas alternativas são outras. Daí a descontinuidade e perda de tensão que assinalamos, *uma desarmonia que no entanto é ela mesma uma forma*, a transcrição formal de relações reais, no caso a permanente frustração das aspirações de independência da classe dependente. Na perspectiva de nosso estudo, esta forma deve ser saudada como o primeiro feito considerável do romance brasileiro — coisa de que mais adiante espero persuadir o leitor. Uma forma muito melhor do que nova, original no sentido forte da palavra, em que a originalidade do processo nacional vem a ser a premissa da fantasia romanesca, que vai se tornando exata. Antes, porém, de entrarmos no detalhe da interpretação, notem os interessados em marxismo que a verdade desta forma não parece redutível aos pontos de vista de classe que ela põe em presença. É certo que a forma se constitui porque Machado assume e valoriza o ponto de vista dos dependentes, mas me parece certo também que seus efeitos mais vivos escapam ao mencionado ponto de vista, bem como ao do opositor, e se prendem à gravitação do conjunto, em que a intenção das partes se perde, e que só dificilmente poderia ser atribuída a um ou outro.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 330.

Retomando nosso fio, digamos que as contradições do início mais adiante se distendem, e ficam sendo apenas contrariedades. Em nenhum momento Estela, Luís Garcia ou Jorge enfrentarão Valéria, cuja autoridade é um *dado*, o dado inquestionado do livro. Toda a descrença e ciência crítica acumuladas por Machado e pelas personagens destinam-se a escapar às ilusões do paternalismo, mas não a questioná-lo, o que seria faltar ao respeito e à gratidão. O direito de Valéria é tabu. Note-se contudo que esta reserva da crítica — a unilateralidade mais gritante do romance e seu limite ideológico visível — não disfarça os aspectos negativos da personagem. Portanto, o seu efeito estratégico deve estar alhures. Na verdade, o tabu é a transcrição transposta de outro impasse mais agudo: como ficariam os dependentes, se a autoridade de seus protetores não fosse aceitável? Como ficariam as personagens positivas, Estela e Luís Garcia, cujas virtudes o livro procura elaborar? O respeito é mais necessário, dado o quadro sem saída histórica desta classe, aos dependentes que aos ricos. Assim, o tabu é a transposição da impossibilidade em que se encontra o dependente de resistir, e dá fundamento honrado a uma desgraça prática. Ainda que divergindo e de má-vontade, e tendo horror à arbitrariedade, como deixar de ser submisso? Com que base? Misérias antigas, que chegaram aos nossos dias.

Mais de perto, veja-se a sem-cerimônia com que Valéria dispõe do próximo, segundo a sua fantasia, e não sem afeto. A sua protegida gosta de Jorge? ficará com Luís Garcia. Este, a quem a própria Valéria dera uma ponta de esperança, e que entrara na história a contragosto, sai casado com Estela. E Jorge, que quisera Estela, fica com as glórias da guerra. Um rearranjo geral e satisfatório, que permite a Valéria conciliar o orgulho de família, o amor materno e o carinho pelos dependentes, ao preço — para estes — de se substituir a vontade dela à deles. Mais tarde, em seus romances maduros, Machado estudará longamente o mo-

vimento destas relações, mais complicadas e compensadoras do que parecem. Os subalternos encontrarão satisfações várias à sombra da satisfação de seus protetores, e também na identificação com ela, o que aos olhos de nossos pressupostos individualistas, que na matéria são ingênuos, é o cúmulo. O leitor recorde o criado de Brás Cubas, que gostava de aparecer à janela do palacete de seu patrão, para significar “que não é criado de *qualquer*”.¹¹⁰ Eis um sentimento diferente e não-individualista da liberdade, a qual, para quem não tem meios de praticar arbitrariedades em grande escala e por conta própria, consiste em andar de carona na arbitrariedade alheia. Liberdade enquanto participação na arbitrariedade. Ou seja, o famoso “estamos aí”. Vejam-se as expressões de um contemporâneo: “Ter liberdade é ser ministro, deputado, presidente, chefe de polícia, delegado, subdelegado, inspetor; é ser desde comandante superior, até sargento e cabo da guarda nacional; é ser parente, amigo ou correligionário da autoridade, do juiz, do Desembargador, do meirinho”.¹¹¹

Voltando a *Iaiá Garcia*, esta é a dimensão que repugnava a Machado, e que em nome da dignidade, da razão e vagamente dos Direitos do Homem ele procurava criticar, e também relegar, pois ela configura a cumplicidade do dependente com a sua dependência. Razão pela qual ela pouco aparece, salvo na figura do Sr. Antunes, o saco de pancadas do romance. A ideologia ascética de Estela e do funcionário destinava-se justamente a desidentificar, a separar a vontade do protegido da do protetor, para torná-la estável e senhora de si, e deixá-la a salvo dos caprichos da gente rica. Uma intenção racional e louvável, que entretanto estabele-

¹¹⁰ Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. CLVI.

¹¹¹ Affonso d’Albuquerque Mello, *A liberdade no Brasil*, Pernambuco, Typographia de Manuel Figueiroa de Faria & Filho, 1864, p. 89.

lece um padrão de decoro que exclui quase inteiramente um aspecto-chave do assunto e um elo de seu circuito. Em conseqüência a matéria fica empobrecida, alguma coisa fica obscura, e sobretudo as proporções ficam incertas e prejudicadas. O despotismo de Valéria, por exemplo, adquire relevo excessivo, se a premissa é a rotina paternalista, mas é tratado com leviandade, se o critério é o respeito à pessoa alheia. O livro nos deixa entre os dois.

Este o lado anti-realista do avanço realista de Machado, cujo lado forte veremos em seguida. Desde já, vislumbra-se várias formas da obra madura, embora embrionárias e dispersas no conteúdo. Assim, o arbitrário dos ricos implica *descontinuidades* na vida e nos propósitos de seus dependentes, as quais são o seu complemento. Descontinuidades que resultam da conveniência do protetor, e que por isto mesmo são, além de imposições sofridas, serviços prestados, quer dizer, elementos de ligação e não de antagonismo. Merecem *compensação*, material ou em estima, a qual empurra as descontinuidades pessoais para segundo plano, enquanto vem à frente a continuidade da proteção, esta sim a verdadeira fiança do valor da vida. A distância entre as duas acepções é intransponível, e é facilíma também de transpor, conforme a conveniência do momento — ambivalência que será uma das molas cômicas da obra futura de Machado. O leitor recorde as compensações que Valéria propõe: a Estela, um homem por outro homem; a Luís Garcia, uma esposa por um constrangimento; a Jorge, a glória militar por Estela. Não são trocas, pois não ocorreriam aos interessados. Mas não são também simples violências, pois incluem um momento de reparação e mesmo de participação, além do assentimento da outra parte. São descontinuidades e substituições que irão traduzir na prática a imposição da vontade de Valéria, e mais, a presunção efetiva de substituir a satisfação dela à do dependente, o qual ou cala a injunção anterior, ou sinceramente a esquece, ajudado pelos santos óleos do

respeito e da admiração filiais pela autoridade. Por outro lado, se a satisfação do dependente é negligenciável quando não vai com a outra, ela é também indispensável, pois o que vale um protetor cujos dependentes vivam insatisfeitos? A descontinuidade na vida destes é compensada pela continuidade da proteção, e a satisfação da autoridade tem mais importância real em sua vida que a sua própria insatisfação. Neste sentido, por cálculo ou por ofuscação, ela é sua também, e não há como separar coisas tão misturadas. Em suma, uma satisfação vale a outra, desde que exista a aprovação de cima, que é a moeda deste sistema. Noutras palavras ainda, o reduto mais inexpugnável da identidade pessoal — a satisfação havida — é menos delimitado e seguro do que acredita a voz geral, e presta-se também ao quíproquó. (Considere-se em contraste que o Realismo oitocentista valorizava, na Europa, a continuidade da personagem, ideal que leva a separação individualista das pessoas, e, dentro destas, a separação de suas faculdades, à sua última conseqüência trágica.) É claro que uma figura “evoluída” como Estela, que “tem a alma acima do destino”,¹¹² isto é, que é independente de espírito embora seja agregada, não admite substituir um amor por outro só porque Valéria quer: ela tem o seu foro íntimo, e não são as preferências de sua protetora que determinam as suas. Já seu pai, que é uma alma “subalterna”,¹¹³ vibra e se inflama com o prestígio dos ricos, a ponto de não conhecer entre a sua vontade própria e a deles. E naturalmente acha incompreensíveis as idéias de autonomia da filha. Diga-se de passagem que o livro respira a cada entrada do Sr. Antunes, a despeito da antipatia que Machado lhe tem: é que a sua figura realiza indisfarçadamente o ciclo das compensações

¹¹² *Iaiá Garcia*, p. 315.

¹¹³ *Idem*, p. 311.

materiais e simbólicas — abjeto para olhos modernos — que é próprio à proteção paternalista. Um exemplo a mais dos caminhos inesperados da modernidade. Quem diria que observando o nosso atraso, de que não havia razão para se orgulhar, Machado apurava o sentimento da descontinuidade e da heterogeneidade do processo psíquico, e as suas imbricações com o poder social? Nas *Memórias póstumas*, dois anos mais tarde, a descontinuidade, a compensação e a substituição no domínio da experiência dita “imediate”, estariam metodizadas e transformadas em princípio formal, da narrativa tanto quanto da prosa. Aprofundando o estudo da autoridade paternalista Machado situava-se além dos mitos burgueses da autonomia e da autenticidade da pessoa, e entrava pelas águas de Proust, Nietzsche, Freud & Cia.¹¹⁴ —

¹¹⁴ Esta afinidade entre atraso social relativo e formas avançadas de autocrítica da cultura burguesa é uma constante no trabalho de Machado. Algo de parecido se encontra, aliás, em vários dos melhores momentos da literatura brasileira. A propósito do Modernismo, Antonio Candido chama a atenção para o inesperado acordo entre a estética primitivista da vanguarda européia, que representava a ruptura social e artística, e o primitivismo de nosso cotidiano (cf. *Literatura e sociedade*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965, pp. 144-5). Neste mesmo sentido a invenção lingüística de Guimarães Rosa tanto é tributária do construtivismo radical da literatura moderna quanto se apóia na fala corrente e “diferente” de uma região de iletrados, que é tradição pura, o que lhe dá uma verossimilhança que nada tem a ver com o construtivismo (em coordenadas diferentes, a dimensão moderna do iletrado de Guimarães Rosa é analisada por Bento Prado Jr., em trabalho publicado na revista *Cavalo Azul*, nº 3, São Paulo, 1968). Na poesia de João Cabral, finalmente, a variação metodizada e “serial” dos termos é um elemento ostensivo da construção, contrário ao derramamento expressivo e ao poético de convenção. Não impede que a sua estrutura tão abstrata com freqüência encontre apoio verista na realidade muito violenta e codificada da miséria nordestina, em cuja terminologia tradicional os contrastes e antagonismos se organizam um pouco à maneira da poesia antitradicionalista do poeta engenheiro. — É na-

Entretanto, a descontinuidade não é privilégio dos dependentes. Embora diversamente, ela se encontra também do lado dos senhores — ela é da definição do arbitrário. Vejamos o enredo de *Iaiá Garcia*.

Quatro anos mais tarde, a volta de Jorge abre a segunda parte do romance. Estela e Luís Garcia estão casados, e Valéria está morta. O que fará o rapaz? A pergunta decorre da construção da narrativa. Depois de ser rejeitado por Estela, de ser prejudicado pela mãe, depois de se transformar em herói e de passar anos no estrangeiro, e agora diante da nova situação no Rio, Jorge fará pouca coisa. Visita o túmulo de Valéria, em Minas, liquida o inventário, e evita a casa de Luís Garcia. Assim, a sua vida é o traço de união entre as duas partes, e é mesmo a vaga linha de unidade do livro, mas não traz resposta aos conflitos do princípio. A perda de tensão é aquela mesma que já observamos, mas seu efeito agora é total, pois não decorre de um episódio, e sim do enredo do romance.

Em chave mais errática, o comportamento de Jorge continua as arbitrariedades de Valéria. Quando chega ao Rio, está um homem amadurecido. Tem diversos projetos intelectuais, que logo abandona, diante do “monte de documentos que teria de compulsar”.¹¹⁵ Quer viver retirado, mas faz vida mundana. Decide evitar Estela, e acaba freqüentando a sua casa, onde o coração lhe bate “horas antigas”. Com a assiduidade, torna-se íntimo

tural que a autocrítica da ordem burguesa se faça, ao menos em parte, em nome das energias que ela pulverizou. Acontece que, em países da periferia capitalista, estas energias ainda se encontram soltas na rua, o que na corrida internacional pode ser um atraso, mas permite as confluências que procuramos sugerir, as quais possivelmente não sejam um fato só brasileiro.

¹¹⁵ *Iaiá Garcia*, p. 337.

de Luís Garcia, cuja morte espera, para lhe herdar a viúva, à qual a situação desagrada horrivelmente. Enquanto aguarda, o coração do rapaz muda de preferência — sem conflito algum, “entre duas xícaras de chá” — e ele se casa com Iaiá. É uma evolução derisória, como o resumo bem indica, em que o gesto respeitável anda de braço com a inconstância, a irresponsabilidade e o cálculo abjeto, uma das alianças favoritas do segundo Machado. À simples leitura, porém, este fundo movediço não ressalta, pois os contrastes se perdem na extensão do relato e no decoro da prosa. Faltava enxugar a matéria, para que as suas linhas e os seus ritmos próprios aparecessem com limpidez. Assim, em *Iaiá Garcia* as formas da segunda fase aparecem enquanto nexos do assunto, encobertos e diluídos por outras formas, estas convencionais.

Para nosso argumento, interessa que o arbitrário do paternalismo está enfim transformado em princípio formal, ainda que pouco desenvolvido: o seu movimento é o movimento do enredo. Vimos que em *Ressurreição* a intriga era determinada por um movimento psicológico, ou seja, pelas intermitências do ciúme de Félix. Em *A mão e a luva* ela era por assim dizer esquemática, ligada à escolha de um marido: entre dois rapazes com defeitos opostos, o melhor era um terceiro, exatamente o que convinha. Em *Helena*, a presença do paternalismo já é mais poderosa, e comanda episódios inteiros. Entretanto o enredo — que afinal é a instância formal suprema e a tese social tácita do romance oitocentista — era novelesco, ligado a revelações de paternidade e de incesto. *Iaiá Garcia* neste sentido conclui o processo que estamos estudando. O moço de boa família, desocupado como convém à ordem escravista, austero como convém ao cavalheiro de figurino vitoriano, melancólico e confuso como convém a esta contradição, já se encontrava nos romances anteriores, onde figura como resultado da observação social. Agora porém, com especial destaque para a combinação de autoridade e irrespon-

sabilidade, os seus desdobramentos adquirem a força generalizadora através da qual a forma, em literatura, faz as vezes de realidade. Do ponto de vista do realismo, Machado tocava terra e transformava um grande ritmo social em elemento de organização literária, além de solucionar o impasse de seus livros anteriores, para os quais não havia encontrado uma fábula aceitável. Note-se todavia que a seqüência desta nossa exposição, voltada sobretudo para as relações de verossimilhança entre a forma literária e o processo social, tem o defeito de diminuir o mérito do avanço de Machado, pois o torna um pouco óbvio. Para lhe conhecer a audácia, que é grande, considere-se que por definição o capricho não é um *projeto*. Ora, a forma clássica do romance realista se poderia resumir em “grandes projetos de um moço”. A diferença leva longe. Esquemáticamente, no projeto se valoriza a finalidade consciente das ações, que as governa e que elas devem realizar. Ao passo que no capricho ressaltam dinamismos da vontade que são menos propósitos, e mais inconscientes. Noutros termos, no projeto a finalidade está no plano aéreo do sentido, e a sua primazia é evidente. Enquanto que no capricho ela é um elemento entre outros, e não paira acima da natureza: as finalidades cansam e são perecíveis como tudo mais, e se elas vivem é precariamente e graças a um esforço que nada tem a ver com o sentido em questão, ou melhor, tem a ver com formas de sentido mais elementares. A saliência ideológico-formal do capricho — o seu momento mais expressivo em *Iaiá Garcia* é o rápido esquecimento de um amor intenso e de muitos anos — sublinha aspectos que a civilização burguesa, apoiada na regularidade do trabalho, na propriedade privada, na continuidade da pessoa jurídica, no casamento, na ética da responsabilidade, nas finalidades conscientes etc., procura conter e relegar. Acontece que em presença de tais aspectos as linhas do panorama romanesco se alteram: a unidade da pessoa e a coerência dos atos fazem figura

de caso particular, e coexistem com forças que lhes são contrárias. O capricho, como a palavra indica em sua acepção pejorativa, é da ordem de movimentos a que a firmeza dos propósitos, indispensável à racionalidade da ação individual, deve pôr um freio. Neste sentido, ele pertence ao subsolo conflitivo da razão burguesa. Retomando nosso argumento, quando encontrava uma solução possível para o realismo brasileiro, Machado abandonava a fórmula consagrada do Realismo europeu, e com ela o domínio da racionalidade convencional.¹¹⁶

Embora seja um mau livro, *Iaiá Garcia* está no terreno da grande literatura moderna, num sentido em que talvez nenhum outro romance brasileiro, salvo os posteriores de Machado, esteja. Ao colocar o arbitrário no centro de sua construção, Machado entrava pelo campo da descontinuidade, da contingência, do inconcluso, do desperdiçado, do irremido etc. Renunciava à consolação dos mitos providencialistas, bem como ao otimismo difuso que é o seu sucedâneo laico, e mesmo à sua sublimação literária disfarçada, a justiça poética. *A forma que Machado elabora não faz do sentido da vida um artigo de fé*. Daí a gravidade absoluta que às vezes emana destas histórias tão banais. A questão preocupava Machado explicitamente, como se vê no comentário seguinte: “Intolerável é a dor que não deixa sequer o direito de argüir a fortuna. O mais duro dos sacrifícios é o que não tem as consolações da consciência. Essa dor padecia-a Jorge”¹¹⁷. Noutras palavras, a dor que não encontra compensações simbó-

¹¹⁶ A filosofia do inconsciente estava de moda na época, e é certo que influenciou sobre Machado. É interessante notar, contudo, que ele a incorpora em espírito racionalista, e que ela vem se enxertar num esforço muito considerável de análise social.

¹¹⁷ *Iaiá Garcia*, p. 321.

licas — na má fortuna ou no mérito próprio — dói mais, e sobretudo faz parte de uma paisagem de que o anjo da guarda emigrou (a despeito da linguagem sentenciosa, o leitor note ainda a familiaridade meditada com o desespero, expressa na capacidade de diferenciar entre as suas formas). Algo de semelhante, em direção oposta: Jorge freqüentara a casa de Luís Garcia com pensamentos inconfessáveis, mas em dado momento o seu interesse por Estela arrefece, e nem ele nem ninguém saberia dizer em que ponto estão as suas intenções. “Nenhuma preocupação lhe ensombrou a frente risonha e plácida. Dir-se-ia que, após longa e trabalhosa jornada, vingara o cume das delícias humanas.”¹¹⁸ Observe-se que esta plenitude não corresponde a fatos novos, e se é que acompanha alguma coisa, acompanha o esquecimento. Jorge está na força dos anos, mas esta não é o coroamento de coisa alguma. A plenitude pode não decorrer do mérito, o sofrimento pode não ter as consolações da consciência, a harmonia preestabelecida desapareceu, e com ela a certeza da integridade do sentido. O salto literário e sobretudo intelectual é grande. Sem prejuízo do decoro resignado, Machado assumia a lucidez sombria do verdadeiro ateu, e a estendia à consideração do cotidiano, cujos dispositivos mitológicos ela desarticula. São primeiros passos já muito consideráveis, embora literariamente frustrados, na direção pessimista e dissonante que será central para a arte moderna, direção que ainda hoje não se esgotou, como se pode ver em Beckett, e que paradoxalmente está em continuidade com o trabalho antimitológico da *Aufklaerung*.¹¹⁹ Nesta linha, *Iaiá Garcia*

¹¹⁸ *Idem*, p. 348.

¹¹⁹ Sobre o significado social e estético da feiúra (e de Beckett) na arte moderna, ver Th. W. Adorno, *Aesthetische Theorie*, Frankfurt/M., 1970. Para uma

está repleta de observações que repugnam ao coração bem-formado. São as coisas de que Machado sabe, e que fazem que, ao lado dele, outros escritores, mesmo bons, e não só brasileiros, pareçam crianças. Assim, por exemplo, o curso da narrativa nos dirá que entre duas criaturas perfeitamente estimáveis, como Estela e Iaiá, a antipatia pode ser definitiva. — Que a morte de um homem bom pode não concluir nem resolver nada: “A morte de Luís Garcia foi uma complicação mais”¹²⁰. — Que mesmo dentro da baixeza mais completa, a consciência procura se embelezar aos próprios olhos. É o caso de Procópio Dias, quando em desespero de causa diz a Iaiá que o noivo Jorge na verdade queria a madrastra, e quem sabe pensasse em “amarrar as duas”: “Se alguma coisa pudesse atenuar a perversidade de semelhante recurso, era a persuasão que ele tinha de que diria a verdade”¹²¹. — Que as acusações mais graves podem ser forradas de curiosidade e gozo: “Durante uma pausa relativamente longa, Iaiá não tirou os olhos da madrastra. Essas duas lâmpadas buscavam examinar-lhe, no momento supremo, todos os recantos da consciência e todos os atalhos do passado. Não disse nada, para melhor gozar do abalo que acabava de produzir em Estela”¹²². — Que a força suficiente para abafar o amor pode não ser suficiente para abafar o ciúme: Estela não cede a Jorge, mas tem ciúmes de Iaiá, e é obrigada a constatar que renúncia e firmeza nem sempre têm prêmio nem trazem a paz de espírito. — Que a carreira social

posição contrária a esta, G. Lukács, *Gegenwartsbedeutung des kritischen Realismus*, Werke, vol. IV.

¹²⁰ *Iaiá Garcia*, p. 395.

¹²¹ *Idem*, p. 391.

¹²² *Idem*, p. 399.

começa cedo: Iaiá aos doze anos percebe a chave do caráter de Valéria, “e abriu a porta sem grande esforço”¹²³. — Que a confusão entre os amores filial e marital é grande, o que hoje, depois da divulgação da psicanálise, naturalmente não espanta mais ninguém. Etc., etc., ao que se acrescentam ainda o desencontro sistemático dos motivos, que atravessa o livro inteiro, e as perdas de tensão que analisamos atrás.

No plano das formas, esta atitude se expressa numa regra, segundo a qual em *Iaiá Garcia* fica proibido ao movimento se completar. A começar pelo enredo, em que a descontinuidade é um dado da própria história, composta de arbitrário, hesitações, frustrações e inconstâncias. Noutros momentos todavia, em que não decorre do assunto, a descontinuidade assume feição deliberada, às vezes a ponto de se tornar ela mesma um preconceito. Na série excessiva dos mal-entendidos, por exemplo, a desarmonia se transforma em tese, e pressentimos o aspecto filosofante que aqui e ali irá atenuar — e não aprofundar! — o pessimismo da segunda fase. Seja como for, esta norma prepara a segmentação extrema da matéria, das unidades narrativas e até da frase, que irá caracterizar as *Memórias póstumas* e os romances seguintes. Assim, a segunda parte do livro não continua propriamente a primeira, as razões das personagens não correspondem entre si, os capítulos não se continuam uns aos outros, nem têm unidade em si mesmos, pois são compostos de episódios díspares, cujas personagens e cujos centros de interesse não são os mesmos. Este movimento poderia ser chamado também de desdramatização, pois tudo se liga, mas não pela ação principal, que por sua vez é soltíssima, e não vai em nenhuma direção particular. Com a petulância de menos, estamos próximos do movimento digressivo

¹²³ *Idem*, p. 330.

da crônica, que mais adiante iria dar brio a esta deriva. Ocorre porém que ao cortar o vôo a personagens e conflitos, Machado lhes retirava também o atrativo espontâneo. Embora pelas situações *Iaiá Garcia* pertença à esfera do romance para moças, o seu enredo descontínuo e difuso não propicia a identificação romanesca nem satisfaz a sonho algum, salvo o de não sonhar, e aliás nem este, pois a norma de decoro corta o ímpeto crítico até às interrupções. Já na segunda fase, em que a mediocridade das figuras será igualmente a regra, ela será compensada pela extraordinária liberdade e mobilidade humorística da reflexão do narrador, apoiada no famoso e confessado exemplo de Sterne. Para nosso argumento, porém, note-se que a descontinuidade em *Iaiá Garcia* é ligada às particularidades de sua matéria histórica, e não é engraçada. Ela precede a incorporação das fórmulas do humorismo inglês. Neste mesmo sentido, a supressão metódica do movimento romanesco é fruto de observação local e é um avanço realista de Machado, que no entanto o aproxima da autocrítica formal característica da literatura de vanguarda, em que se explicitam pressupostos gerais da ordem burguesa. Um exemplo mais da convergência entre atraso social e formas artísticas avançadas.

Embora se propale o contrário, a narrativa linear não é característica do romance pré-moderno. Desde os inícios do gênero, este dispunha do retrospecto, da antecipação, do episódio intercalado, dos adiamentos, da intervenção do narrador etc., recursos que aliás herdava da epopéia e que lhe permitiam entretecer os destinos individuais e a totalidade social numa ação mais ampla.¹²⁴ Em *Iaiá Garcia* estes recursos são muito usados, para ex-

¹²⁴ Para uma boa síntese da questão ver G. Lukács, “Le Roman”, in *Écrits de Moscou*, Paris, Sociales, 1974. Sobre os recursos narrativos da epopéia, o primeiro capítulo de E. Auerbach, *Mimesis*, Berna, A. Francke Verlag, 1945.

por a ação, como é comum, mas também para abafá-la, o que é inesperado. Observe-se a maneira pela qual a narrativa nos aproxima do conflito central. — Nas linhas iniciais do livro, Luís Garcia recebe um bilhete de Valéria, pedindo que passe em casa dela. Ele responde que sim. A narrativa corta em seguida, e daí ao fim do capítulo passarão diante de nossos olhos os retratos detalhados do próprio Luís Garcia, de sua casa modesta, do criado Raimundo, da filha Iaiá, tudo entremeado de anedotas e *flash-backs*, em que se ilustra a vida desta família. A ação retoma com o Capítulo II, em que Luís Garcia vai à casa de Valéria. Depois de alguma sondagem recíproca, a viúva sai com o seu pedido, que desloca a relação que vinha se esboçando: a presença do funcionário é uma contingência, o verdadeiro conflito está entre Valéria e seu filho, e a linha que vínhamos seguindo não era a principal. Luís Garcia cede à viúva e fala a Jorge, que lhe explica as razões da mãe e as suas próprias. Novamente desloca-se o conflito, que não está entre mãe e filho como se supunha, mas entre o rapaz e uma moça que não quer saber dele, e que ainda não conhecemos. Assim, quando Jorge em seguida cede às instâncias de Valéria e se alista como voluntário, a sua decisão não decorre da vontade dela, que não é decisiva, mas da indiferença de Estela (a qual não pedia nada, o que no entanto não a impediria de respirar de alívio com a partida do rapaz). Noutras palavras, a decisão de Jorge responde aos conflitos, mas em linha quebrada, que não lhes continua nem conclui nenhuma impulsão espontânea. Com mais precisão, ela atende diretamente a uma pressão que não a determina, e só indiretamente ao problema que a suscitou. Capítulo terceiro, o moço vem à casa de Luís Garcia para as despedidas, e quer deixar nele um confidente. Uma idéia algo forçada, pois o escolhido não fora um aliado. E de fato o funcionário, que já é frio de natural, está contrafeito com o papel que tivera no episódio, de modo que seu gesto é “singularmente preo-

cupado e duro”¹²⁵, o que trava a confissão, com a qual se perde outra espécie ainda de plenitude. Jorge lhe pede um abraço, Luís Garcia lhe oferece a mão (desencontro que tem uma réplica no capítulo seguinte, quando Jorge aperta a mão ao Sr. Antunes, que entretanto quer a honra de um abraço. Na aflição da despedida, o moço confunde pai e filha, e aperta “fortemente ao peito”¹²⁶ o agregado, que fica comovido com a expansão. Esta naturalmente era um engano). Saindo da casa de Luís Garcia, Jorge dirige-se a passo trêmulo em direção da rua de Dona Luisa. A meio caminho pensa em mudar de direção, mas prossegue, e enfim pára diante de uma casa. É a ação principal que se anuncia. Antes de entrarmos, novo corte, e veremos a história de seus moradores, numa longa volta atrás (por sua vez recortada de mal-entendidos): o caráter de Antunes, de Estela, as suas relações com a família Gomes, o episódio do beijo na Tijuca, as providências de Valéria para casar Jorge a uma parenta rica, e depois para mandá-lo ao Paraguai. E quando enfim chegamos ao conflito principal, com o Capítulo IV, este é introduzido por considerações sobre as visitas anteriores que Jorge fizera à mesma casa, sobre a linha de comportamento que ele escolhera para se reabilitar aos olhos de Estela, bem como sobre a permanente frieza da moça, que levava o rapaz a vestir a farda militar. Para completar a série, o Sr. Antunes sai para procurar charutos, com a intenção evidente de “ajudar a natureza”¹²⁷ e facilitar a entrevista entre Estela e Jorge, o que mais mortifica a filha. É um contexto saturado de impedimentos e de anticlímax, em que o rapaz entretanto faz a sua breve declaração, que é recusada com mais brevidade ainda: “O

¹²⁵ *Iaiá Garcia*, p. 311.

¹²⁶ *Idem*, p. 321.

¹²⁷ *Idem*, p. 319.

senhor é um tonto”. Passado este curto momento, note o leitor que não haverá mais no livro atualidade em sentido eminente. Jorge parte, e o restante da narrativa, que é a quase totalidade, terá caráter de tempo de espera, preenchido por acontecimentos por definição secundários. Com mais razão a parte final, em que Jorge esquece, estará neste mesmo plano do indiferente.

Antes de passarmos à interpretação, note-se que a escolha e disposição dos conflitos do livro obedece a intenções semelhantes. A decisão mais dura do romance, que nada virá abalar, foi tomada antes que ele começasse, e é mencionada em poucas linhas: a agregada não cede ao filho de sua protetora. “Nunca! jurou ela a si mesma.”¹²⁸ Mesmo a cena do beijo forçado não tem plenitude dramática, justamente porque a decisão negativa de Estela já estava tomada, e é o contexto de tudo o mais. Segundo o seu próprio critério, a narrativa se passa numa fase de intensidades menores, e seu momento forte está fora dela. Analogamente, se examinarmos os três momentos cruciais da história, veremos que em si mesmos eles são antidramáticos. A começar pela decisão de Estela, que não só precede o tempo presente do romance, como não chega a ser propriamente um acontecimento, pois foi tomada a sós, em seu foro interior e sem mais exteriorização, além de ser uma decisão negativa, que corta o movimento em lugar de o ampliar. A cena do beijo, por sua vez, além de não ser dramática da parte de Estela, pela razão que já vimos, não é propriamente dramática também do lado de Jorge, que perdera a cabeça e logo em seguida já estava se retratando. Uma culminação que na verdade é um deslize. Quanto à modificação do sentimento de Jorge no final, “entre duas xícaras de chá”, ela é inconsciente, e seu aspecto mais notável é justamente a ausência de qualquer conflito.

¹²⁸ *Idem*, p. 315.

Recusa, compulsão, inconsciência, os três momentos são de essência não-dramática — se o próprio do lance dramático for a confluência da intenção consciente, do impulso profundo e das circunstâncias objetivas, através das quais o indivíduo se procura e tenta se afirmar (uma acepção em que fica clara a ligação entre a forma dramática e o individualismo, razão pela qual Brecht iria lhe opor o seu teatro épico).¹²⁹ Nesta mesma direção, note-se enfim que nunca o essencial é dito entre as personagens. Assim como não fala a Luís Garcia (“a palavra não se atrevia a sair do coração”)¹³⁰, Jorge não falará à sua mãe, a Estela e a Iaiá, entre as quais tampouco haverá explicações sem reserva. Os poucos transbordamentos sérios do livro são solitários: Estela sofrendo no quarto, de cabeleira desfeita, o que a transforma em heroína romântica,¹³¹ ou Jorge odiando a mãe à distância, no Paraguai, quando sabe do casamento de Estela e Luís.¹³² Já as explosões de Iaiá não são solitárias, mas não têm gravidade, porque são de criança, ao passo que as confissões lascivas de Procópio Dias têm estatuto de aberração, razão pela qual não são levadas a sério. Na cena do beijo roubado, que naturalmente envolve duas pessoas, o transbordamento é inteiramente unilateral. Idem para a cena da despedida, em que Jorge arrisca a sua declaração de amor, embora esteja batido de antemão. Noutras palavras, em *Iaiá Garcia* pesa um veto sobre toda forma de comunicação mais envolvente, ao que correspondem, nos momentos de explicação entre

¹²⁹ Sobre a importância destas oposições para a literatura moderna, ver A. Rosenfeld, *O teatro épico*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965, e “Reflexões sobre o romance moderno”, in *Texto/Contexto*, São Paulo, Perspectiva, 1969.

¹³⁰ *Iaiá Garcia*, p. 311.

¹³¹ *Idem*, p. 398.

¹³² *Idem*, p. 326.

as personagens, os invariáveis olhos baixos de uma das partes, que cala, resiste, se esquivava ou dissimula, sem que haja nunca afrontamento. Uma disposição taciturna que é ainda uma forma de descontinuidade.

Vista no conjunto, esta exemplificação pede vários comentários. O leitor note a consistência, o engenho, a variedade, que são já impressionantes. Quanto à multiplicação das descontinuidades, está claro que ela em parte é exigência da matéria, e em parte preferência do narrador. Nada o obriga a nos induzir em erro, a indicar como principal uma linha que será secundária, a cortar uma ação em seu ponto interessante, para em seguida ainda lhe desmanchar o *suspense* etc. Digamos que ele assimila e transforma em regra subjetiva — e portanto em elemento formal — o momento de arbitrário que é parte de seu assunto, para infligi-lo ao leitor. Entretanto há duas coisas em *Iaiá Garcia* que o arbitrário e o tempo não afetam (“É duro ouvir, minha filha, mas não há nada eterno neste mundo; nada, nada”¹³³, exclama Estela perto do final): uma é a inquestionável autoridade do narrador. Este portanto pratica o arbitrário dentro da gravidade perfeita — uma pretensão que é o defeito capital do livro. A segunda é a firmeza de Estela, que no entanto, como veremos, a evolução do quadro qualifica um pouco. As duas coisas estão ligadas, e desaparecerão juntas: na segunda fase machadiana não haverá personagem puramente positiva, nem as certezas dogmáticas a que esta se prende. O arbitrário do narrador estará assumido, e posto em primeiro plano descarado, enquanto a sua autoridade e a intenção de justificar se tornam fatores de derrisão.

Voltando a nossos exemplos, é certo que a despeito da variedade dos âmbitos eles têm um movimento em comum, que

¹³³ *Idem*, p. 402.

resume a posição de *Iaiá Garcia*. Se poderia chamá-lo a fuga à atualidade do conflito. Este último é posto como passado, secundário, infantil, aberrante, ou esquivado. No plano da composição dramática isto é evidente e ocorre também na condução da narrativa. O leitor terá notado na interrupção tornada lei que ela tem efeitos contraditórios, um de armar a expectativa, outro de a desmanchar. Quando nos leva a deixar uma linha de ação pela seguinte, e esta por uma terceira, o narrador não só deixa sem conclusão os conflitos que propusera, o que é uma decepção, como os desvaloriza. Entretanto, seu movimento é parte também de um *crescendo*, em que a cada transição parece que passamos do acessório ao principal: diminuir ou interromper, mas para aumentar a tensão. Ocorre que o conflito central será tratado, também ele, com parcimônia e a contracorrente, pois demorar-se em sua atualidade ou elevá-lo seria faltar ao decoro (duas vezes, uma esmiuçando o arbitrário da autoridade, outra dando a renúncia em espetáculo). Esta decepção ligada à linha-mestra da narrativa é naturalmente a maior de todas, e transforma em logro o curso ascensional precedente, além de estabelecer um modelo em que o limite do movimento é um teto ideológico. Acresce que este ciclo, que no plano da intriga se completa cedo, e subordina a parte restante do livro ao seu regime de frustração, era ele também infundado, pois o momento da decisão propriamente dita pertence à pré-história do romance. Isso posto nada impede que as expectativas retomem sempre, no plano da narração, dos objetivos contraditórios e dos caracteres, mas sem avolumarem. Agitam-se numa faixa de intensidades diminuídas, por assim dizer escaldadas. Estranho processo, em que tudo se trunca, até o gosto de concluir: a repetição das interrupções, e sobretudo das retomadas, salienta o despropósito deste movimento, ao qual a razão não se conforma, e que pede tratamento diverso (a solução cômica seria a mais evidente), em que a futilidade do

suspense se explicitasse. Um ponto de vista ao qual Machado por agora não se resolve. Com efeito, diretamente ou por contigüidade, atrás dos dinamismos dramáticos encontram-se aspirações à realização individual, que sem serem nunca afirmadas como um direito, são não obstante a referência que em *Iaiá Garcia* permite a dignificação dos dependentes e a crítica *moderna* do arbitrário paternalista.¹³⁴ Não interessava a Machado desqualificá-las, e muito menos suprimi-las, como tampouco interessava apresentar a ideologia burguesa do indivíduo em suas versões enfáticas e prestigiosas (para nós de segundo grau), de cujo ridículo e falsidade ele estava convencido. Um impasse delicado, como se vê, em que se equilibram a crítica e a posição defensiva, e cuja exigência estética é de descaracterização: reduzida a estado tácito, não sendo sequer a aspiração das personagens, a expansão não-tolhida das faculdades individuais está presente apesar de tudo, enquanto medida da renúncia, e faz parte do horizonte do livro. Em suma, os conflitos não se declaram e não se suprimem, donde o clima geral de constrangimento, que expressa as duas lealdades de *Iaiá Garcia* às esferas paternalista e do individualismo burguês e o sacrifício que fazem uma à outra.

Mais precisamente, observe-se que a descontinuidade está sempre considerada enquanto *frustração* do movimento. Ora, este é o ângulo dos dependentes, que discretamente alimentados de Direitos do Homem vêem nela o resultado da arbitrariedade impune. Seus protetores lhes truncam as aspirações, além de se per-

¹³⁴ "A dissolução da sociedade feudal e estamental abriu aos homens a esfera da individualidade, ao mesmo tempo que a transformava em sua tarefa." G. Lukács, "Lob des Neunzehnten Jahrhunderts", in *Probleme des Realismus I*, Werke, vol. IV, p. 662. Não vínhamos do mundo feudal, mas quem não gostaria de ser um indivíduo moderno?

derem eles mesmos em caprichos. Daí à conclusão de que nada neste mundo se completa é um passo, dado no plano formal, pela generalização das interrupções. Entretanto, é claro que do ponto de vista de seus protetores a descontinuidade se poderia ver com mais benevolência. Aonde o mal em trocar de amores ou ceder ao capricho? Por que o arbitrário (naturalmente com outra denominação mais simpática) não teria os seus ciclos próprios e completos, as suas satisfações, e ainda assim o seu sentido? Esses ritmos, que serão a especialidade do segundo Machado, por agora não acediam à forma. Tecnicamente, porque o andamento interrompido da narrativa não deixa: o acento na interrupção faz que descontinuidade e amputação do sentido sejam uma e a mesma coisa. Ideologicamente, porque a força analítica e moral está ligada ao ponto de vista dos dependentes, e se inspira do sentimento burguês do indivíduo. Assim digamos que ao nível da matéria a descontinuidade nos havia aparecido por dois prismas, uma vez enquanto imposição sofrida pelos dependentes, outra enquanto folga subjetiva dos ricos. Ao passo que agora, a nível formal, o ponto de vista dos dependentes domina e se absolutiza. Já comentamos longamente os dividendos literários e críticos desta perspectiva de classe. Entretanto ela tem também a desvantagem de ser acanhada. A primazia da interrupção transcreve em linguagem formal a frustração dos dependentes (aí a sua componente crítica), mas também a percepção limitada do processo social ligada à fraqueza de sua posição. Implicitamente ela faz da continuidade o critério do sentido, o que de um modo geral é moralismo burguês, e em nosso caso particular é o mesmo que situar o paternalismo, com a sua parte de arbitrário, no domínio do despropositado, além de lhe ocultar a unidade do ciclo (aí a componente acanhada). Ainda uma vez entretanto é preciso ver o aspecto oportuno e realista, pois é claro que nossos ricos tinham de se medir eles também por esta medida, que era parte insepará-

vel de seu universo, e lhes atestava a modernidade tanto quanto o despropósito. Por este lado, o critério tinha cabimento. No essencial todavia a imposição da forma descontínua e do metro da continuidade impedia o ciclo paternalista de completar o seu movimento e a sua figura. Este era um movimento real, a que naturalmente não faltava sentido, um sentido que para a parte fraca não é glorioso. Na relação entre ricos e dependentes, diversamente do exemplo clássico, a classe totalizante é a primeira. Só depois de virar casaca Machado abarcaria o conjunto deste processo.

Os termos de nossa descrição, tais como descontinuidade, frustração, tensão perdida, indicam que as formas mais pronunciadas de *Iaiá Garcia* são negativas. A tese é de que nada se completa, o que vale sobretudo para as aspirações individuais. Com o desapego a mais, é a conclusão das *Memórias póstumas*, que terminam pelo capítulo "Das negativas": "Não alcancei a celebridade [...], não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento"¹³⁵. Seu modelo, a meio caminho entre matéria e forma, está no antagonismo ideológico que se dissipa nas idas e vindas do favor, com destaque para o momento da dissolução, que é também o momento da descontinuidade. É claro, por outro lado, que este acento deixa na sombra o que nos termos do próprio romance representa o movimento da realidade, o movimento que se processa ao longo e através das inúmeras frustrações. Qual a forma deste movimento? Mais exatamente, o não neste livro vem forrado de um sim, e dado o quadro de decoro paternalista a descontinuidade comporta um momento de respeito e submissão, cuja saliência formal é menor, embora seu peso material seja talvez maior. A falta de sentido não deixa de ter sentido, para um ponto de vista que por enquanto não está com a palavra. Assim,

¹³⁵ *Obra completa*, vol. I, p. 549.

além do primeiro há um segundo plano, discreto mas numeroso, indiferente à normatividade buscada em *Iaiá Garcia*, e normativo ele também. É matéria menos trabalhada, em parte por decoro, em parte devido à própria empostação formal e de classe do romance, em parte porque Machado ainda procurava a maneira a ordenar. Se no primeiro plano a nota realista está na severidade da desilusão que é paradoxalmente o elemento moralista e apologético do livro, no segundo, igualmente moralista e apologético, mas noutra gênero, ela está na disposição de aproveitar e elaborar as sugestões do assunto, em que a ideologia mais cediça convive com elaborações verdadeiramente audaciosas.

Quando volta do Paraguai e faz a sua primeira visita à casa de Luís Garcia, Jorge explica a si mesmo que é por obrigação de família, embora sinta o alvoroço de ver Estela. Do mesmo modo, a insistência de Valéria para que ele se aliste é santificada pelo amor de mãe, embora o motivo no caso fosse a arrogância social. O casamento de Estela por sua vez será santificado pelos obséquios familiares que ela e Luís Garcia devem a Valéria, embora a razão da viúva fosse de consolidar a ruptura entre a agregada e seu filho. Etc., etc. Noutras palavras, em *Iaiá Garcia* as finalidades de toda ordem parecem inaceitáveis enquanto não beneficiam da mediação do motivo familiar, entendida esta na acepção extensa, ligada ao obséquio paternalista. E, inversamente, uma vez que é contrário ao decoro duvidar de tais motivos, estes acobertam finalidades de toda espécie, donde a mescla de baixeza e unção, tão característica deste livro, e tão cara ao humorismo do Machado ulterior. Aliás no romance inteiro não se dá praticamente um passo que não esteja entrelaçado com o círculo das obrigações familiares. Para nosso argumento, note-se que esta ubiqüidade e constância da mediação paternalista é o avesso sistemático da descontinuidade da ação e da narrativa, e que se em primeiro plano em *Iaiá Garcia* nada se completa, esta é a maneira

mesma de o processo paternalista se completar, aquém da forma ostensiva do livro. Digamos que este é unificado pela abdição e reabsorção do indivíduo na trama de suas obrigações, e não pela sua iniciativa, que, entretanto, é a dimensão a que se refere a forma. Veja-se a este propósito que em seu momento inicial as vinculações estão sempre sob a tutela de mais outra relação, com um terceiro, que representa família e decoro. Estela vem para a casa de Valéria enquanto filha de um protegido, e Jorge a conhece na condição de agregada à sua família. Luís Garcia entra no romance enquanto protegido do falecido Comendador, em cuja casa verá Estela, que nesta altura é protegida de Valéria, a qual dera um dote à moça e daria outro à filha do funcionário. Quando, enfim, Jorge passa a freqüentar a casa de Luís, é enquanto filho da senhora a que este devia grandes benefícios. Mesmo Procópio Dias é uma exceção só em parte, pois a sua amizade com Jorge vem do Paraguai, onde a guerra patriótica afixava o decoro geral. Em certo sentido são todos sempre *filhos*, e nunca alguém age por conta própria, como quem esteja sozinho. Esta disposição é naturalmente contrária à declaração dos conflitos, e é mais um elemento antidramático do livro. Em parte é decorência do assunto, e em parte é preferência do autor, que em se tratando de famílias ricas lhes mata o pai e chefe antes do início da intriga (Cons. Vale em *Helena*, Desembargador Gomes em *Iaiá Garcia*), para ficar com a viúva, a irmã, os filhos, os dependentes, ou seja, a esfera da subordinação. Adultério, mulheres de vida “fácil”, filhos naturais, negócios e vida política figuram somente no horizonte, enquanto herança do finado: as tropelias do poder desimpedido são o aspecto do paternalismo que por decoro convinha não tratar. Assim, dentro do círculo que Machado traçava, as aspirações como os indivíduos não têm existência independente, separação que entretanto é um dos pressupostos da forma do Realismo europeu. O vínculo paternalista a todo mo-

mento se faz sentir, limitação que está formalizada negativamente no andamento interrompido que analisamos atrás. Entretanto, a tônica negativa disfarça a regularidade da interferência e sua valorização positiva, que são elementos estabilizados e constantes da ideologia e do assunto de *Iaiá Garcia*. O vaivém entre aspirações individuais e obrigações familiares, finalidades do mundo moderno e motivos paternalistas, é um dado da organização da matéria, que se opõe à forma dominante do livro e que restava apurar. As relações possíveis entre estes termos são muitas, e o sacrifício recíproco não é senão uma delas. Já vimos outras. Por exemplo, as aspirações cortadas são, também, serviços prestados, a que não faltam reconhecimento e compensação. Por que não sublinhar e seguir este aspecto do processo? E, sobretudo, a mediação familiar não funciona só como constrangimento, mas também como liberdade, ou melhor, como licença, pois sendo inatacável, fazia com que tudo fosse permitido, mesmo o inadmissível. Uma conjuntura em que certamente algo se realizava, embora não fosse o sujeito imaginado na ideologia individualista. Estas alternâncias são dados da matéria de *Iaiá Garcia*. Para formalizá-las faltava reconhecer os proveitos que os dependentes tiram de sua subordinação, e o caráter indecoroso das relações cujo decoro Machado queria ressaltar.

Se pensarmos na delimitação e empostação dos conflitos, relativamente ao assunto de que são parte, o movimento é semelhante. A intriga ligada à inconsistência individual é uma forma crítica — a intenção de Jorge que se perde com o tempo não realiza mito algum — mas não circunscreve a esfera do romance, cujos limites são conformistas, traçados pela ideologia do decoro familiar. Para apreciar o efeito literário desta última, o melhor é buscar a sua antítese. O agregado Antunes é escrevente e homem de confiança do falecido Desembargador. É mestre no elogio hiperbólico e no silêncio oportuno, dá recados eleitorais, é

confidente de empresas amorosas, ajuda nas compras domésticas, come à mesa nos dias comuns, mas não quando há visitas, e é filador de charutos. Quando percebe que alguma coisa se passa entre Estela e o filho do Desembargador, sai da sala para ajudar a natureza. Desfeita esta sua esperança, volta-se para a loteria. Consola-se igualmente freqüentando as sessões do júri, as galerias da Câmara dos Deputados e os bancos do Carcer. Sonha com grandezas e pessoas gradas, não gosta de seus iguais, e seu comportamento é sempre subalterno. Lê repetidas vezes e com delícia o bilhete em que Valéria lhe diz que passe em casa dela. Sente a tentação de mostrá-lo ao vizinho, e na rua “separou-se de um importuno dizendo enfaticamente onde ia”.¹³⁶ Como se vê, são relações numerosas e várias, que fazem de Antunes uma boa figura, ao menos virtualmente, já que sua personagem não vai além de uma ponta. O leitor entretanto note que esta variedade em *Iaiá Garcia* é uma exceção. De um modo geral, há o cuidado de aparar as personagens e reduzi-las ao perfil que têm na esfera familiar. Um critério seletivo que se prende a noções de elevação e dignidade que dominam o conjunto da primeira fase, e que são temáticas no *retraiamento* das personagens estimáveis, que querem viver longe do inessencial, do anedótico e da baixeza (isto é, longe da vida econômica, política, mundana, e da sexualidade extraconjugal). A elevação e os conflitos dignos de literatura existem somente no interior do círculo familiar. Assim, Luís Garcia é funcionário, Estela será professora e assalariada, Jorge faz vida de rapaz, Procópio Dias é negociante, o Desembargador era político, mas o romance não os trata nesta qualidade, e sim na de pai, filha, noiva, pretendente, protegida etc. A estreiteza ligada a este prisma e à decorrente distribuição das matérias

¹³⁶ *Iaiá Garcia*, pp. 311-2, 320, 328, 407.

é evidente. No plano da filiação ideológica e literária, tratava-se da oposição a Realismo e Naturalismo, a cujas vulgaridades materialistas a reação européia desejava opor uma outra visão do homem, mais espiritual. Este o aspecto dominante, que é preciso assinalar em primeiro lugar, antes de entrar nas nuanças, que também existem.

Com efeito, a recusa dos determinismos “baixos” comportava, além da finalidade hipócrita, e sem contradição com ela, a procura de uma explicação diferente, procura que não ficou sem resultado. Assim, por decoro Machado não trazia ao primeiro plano nem tratava nuamente o movimento das fortunas e das classes sociais. Preferia tratá-las como elemento da imaginação individual, o que anula o movimento objetivo da sociedade, *mas metodiza a consideração de sua existência e eficácia no plano simbólico*. Em conseqüência, a despeito do propósito panorâmico e das referências históricas, faltam em *Iaiá Garcia* os grandes ritmos da transformação social, cujo contorno só o movimento da propriedade e das classes desenha. Mas é certo também que aparecem formas de causalidade mais complexa: a inserção social do indivíduo é um fato imaginário tanto quanto prático-material; os apetites nos dois planos podem não conferir, e prestam-se a uma combinatória surpreendente. Na Europa, batizado de liberdade, este aspecto das coisas era valorizado no intuito de esfumar a definição dos interesses materiais, e confortava a direita em seu desprezo pelas necessidades elementares da massa. Mas nem por isto o aspecto deixava de ser real, e é interessante por isto mesmo. Com finalidade apologética, a direita descobria e explorava no processo social a parte das satisfações simbólicas (a noção de ideologia é outra coisa: refere-se às aparências objetivas do processo), que aos materialistas pareciam secundárias, mas cuja importância crítica com os anos só fez crescer. Daí uma intrincada comédia de erros, central para o movimento das idéias moder-

nas, em que acontecia ao partido da apologética fazer crítica e ao partido da crítica social fazer mitologia, e que em literatura se poderia estudar na dialética de Simbolismo e Naturalismo. Uma ambigüidade que é sensível mesmo na obra de escritores máximos, como Baudelaire, Dostoiévski e Proust, em cujo horror às causas simples a direita inegavelmente se reconhece, embora o conhecimento justamente do social que têm estes escritores faça que, ao pé deles, os escritores “sociais” pareçam sair do jardim da infância.

Guardadas as proporções, vejamos exemplos. Jorge é um moço rico e elegante, e a sua queda pelo invulgar faz que goste de moças de origem modesta, a que não falte uma pitada de romanesco. Pelo mesmo motivo não se interessa por Eulália, a noiva que a mãe lhe destinava, e que socialmente é a mulher que lhe convém.¹³⁷ Também Procópio Dias é rico e gosta de uma moça pobre, mas as razões de seu sentimento são outras: “Possuí-la era fazer-lhe um favor”.¹³⁸ Iaiá, sendo de família sem meios, aspira ao convívio dos ricos, mas Estela, que é muito mais pobre, não descansa enquanto não lhes escapa. “Eu era humilde e obscura, ele distinto e considerado. [...] Casamento entre nós era impossível [...] porque o consideraria uma espécie de favor, e eu tenho em grande respeito a minha própria condição.”¹³⁹ Amando a Jorge, prefere casar com Luís Garcia, por quem sente apenas estima, que porém é seu igual. Valéria, que é orgulhosa, aprecia o mesmo sentimento na agregada, que conhece o seu lugar, razão pela qual a viúva a traz junto de si, ao mesmo tempo que acha inaceitáveis os sentimentos de Jorge. Também Estela reco-

¹³⁷ *Idem*, pp. 313-4, 382.

¹³⁸ *Idem*, p. 362.

¹³⁹ *Idem*, p. 402.

nhece a delicadeza moral de Valéria,¹⁴⁰ ao passo que o Sr. Antunes acha que não se recusa “um moço tão bem-nascido”.¹⁴¹ Etc. Em suma, a diferença social está em toda parte, mas enquanto elemento dá vida imaginária, cuja contabilidade é governada pelas satisfações da auto-estima, e não pela Economia Política. Assim, a riqueza pode ser uma vantagem e uma desvantagem, idem para a pobreza, e a ação não decorre diretamente da posição social. Esta última não se dá jamais em bruto, e sim no interior da imaginação da diferença, na qual ninguém é obrigado a se identificar com a própria posição, sobretudo se ela for inferior. Nada mais razoável que a identificação com o que nos falta, se estamos embaixo, ou a simpatia pelo olhar humilde, que nos reconhece, se estamos em cima, ou o desejo de espantar as nossas amigadas, se somos ricos e estamos enfasiados. Etc., etc. Noutras palavras, Machado esboçava uma combinatória entre as posições sociais enquanto realidade prática e o campo social enquanto valor imaginário, uma combinatória cuja regra seriam as compensações simbólicas. Nesta perspectiva, a desigualdade social não é só um fator de antagonismo, mas também de coesão, pois a sua duplicação imaginária põe à disposição do inferior as imaginações da superioridade, que são o consolo de que ele precisa. Uma perspectiva que certamente é conservadora, o que entretanto diz pouco, pois ela tem o mérito de realçar e estudar as satisfações reais da desigualdade, as quais se opõem ao desejo de combatê-la, um resultado intelectual que seria absurdo chamar retrógrado. Observe o leitor que se trata de um quadro racional para explicar comportamentos que doutro ponto de vista são irracionais, e que mais que à desejada espiritualização dos motivos práticos, assis-

¹⁴⁰ *Idem*, p. 329.

¹⁴¹ *Idem*, p. 406.

timos a uma metodização materialista da vida espiritual, o que é um exemplo da involuntária extensão da área do determinismo a que nos referíamos no parágrafo anterior. Mais adiante Machado iria integrar estas reflexões aos movimentos do favor e sobretudo da arbitrariedade, e os traria para o centro de sua literatura. Em *Iaiá Garcia*, são observações psicológicas esparsas.

Do ponto de vista da composição, trata-se de um princípio exigente, pois a ação não decorre só da circunstância imediata da personagem, o que seria a maneira mais desafogada de fabular, mas também e a todo momento da representação que ela se faz dos outros e do todo social. Sobretudo no caso de Estela e Luís Garcia, a reflexão sobre as posições própria e alheia é o fundamento de todos os atos. Primeira consequência a notar, a natureza problemática das ações não sai jamais de cena, o que numa literatura sem problemas como a nossa é de interesse. Note-se também a valorização literária da inteligência enquanto atividade normal das pessoas, que se orientam, se enganam, mas estão sempre pensando, e não passam a vida em sentimentos, como em literatura é comum. Daí a tentativa curiosa de individualizar a vida mental, a qual fará parte da feição das personagens. Sabemos por exemplo que Luís Garcia começa a ler quando já não é mais moço, sem grande método, mas com muito apetite, ajudado pelo hábito de reflexão do solitário. Jorge lhe empresta livros de sua biblioteca de bacharel abastado, a qual é um elemento na amizade entre os dois homens. “E porque era leitor de boa casta, dos que casam a reflexão à impressão, quando acabava a leitura recompunha o livro, incrustava-o por assim dizer no cérebro; embora sem rigoroso método, essa leitura retificou-lhe algumas idéias e completou outras, que só tinha por intuição.”¹⁴²

¹⁴² *Idem*, pp. 346-7.

O leitor lembre que Luís Garcia não é homem de letras, e apreciará a poesia e força realista desta via de caracterização (desajudada pela prosa edificante). Quanto a Jorge, veremos que “sabia muita coisa do que aprendera; tinha a inteligência pronta, rápida compreensão e memória vivíssima. Não era profundo; abrangia mais do que penetrava. Sobretudo, era uma inteligência teórica; para ele o praxista representava o bárbaro. [...] A imaginação era o seu lado fraco, porque não a tinha criadora e límpida, mas vaga, tumultuosa e estéril”.¹⁴³ De regresso do Paraguai, o rapaz pensa em dedicar-se aos trabalhos históricos, mas não tem a paciência necessária, o que é também um dado de sua organização mental: “O espírito sôfrego colhia só as primícias da idéia, que aliás entrevia apenas”¹⁴⁴. E, para terminar, um traço verdadeiramente de mestre: durante anos a fio Jorge havia admirado o comportamento impecável de Estela, o que não impede que na primeira ocasião ele a suspeite de baixaza, hipótese “que afinal acabou por não achar nenhuma repulsa na consciência dele”¹⁴⁵. Dando acolhida pronta a pensamentos “sem fundamento nem verossimilhança”,¹⁴⁶ a sua figura sempre decente destila a familiaridade íntima com quaisquer golpes baixos, a qual aliás também se presente em sua camaradagem com Procópio Dias. Uma variante mais do movimento que já assinalamos: a caracterização individual através de estilos da inteligência faz parte da empostação elevada e da oposição ao determinismo sórdido, mas o seu resultado é trazer a inteligência para a área do determinado e natural, e sondar áreas de sordidez com que o Naturalismo não sonha.

¹⁴³ *Idem*, p. 307.

¹⁴⁴ *Idem*, p. 337.

¹⁴⁵ *Idem*, p. 397.

¹⁴⁶ *Idem*, *ibidem*.

Sem forçar este confronto, que se tornará agudo só a partir das *Memórias póstumas*, cabem entretanto mais algumas observações. A referência permanente à vida pensada das personagens faz que a matéria-prima em *Iaiá Garcia* seja toda ela relacional, e nunca bruta. Aí a razão da famosa parcimônia de Machado em detalhes externos, que não faltam, mas não são nunca tratados fora de seu nexos vivo e problemático. Um princípio de economia narrativa que se opunha à prosa pitoresca do Romantismo, e também à “reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis”, que na época Machado reprochava ao Naturalismo de Eça de Queirós,¹⁴⁷ reproche que no capítulo do detalhe escabroso não deixa de ter graça, vindo de quem vem. Entretanto, a primazia da dimensão relacional se opunha a outro aspecto ainda do movimento contemporâneo, que não a acumulação dos detalhes descritivos: não dava lugar às novas doutrinas científicas. De fato, se tudo é relação e reflexão sobre a relação, onde ficam os determinismos geográficos, hereditários, raciais etc.? A década de 70 é marcada pela vinda ao Brasil das teorias modernas, sociais e outras, e são os anos também em que Machado escrevia os seus primeiros romances. Tratava-se portanto de linhas em competição. O pouco entusiasmo científico de Machado terá parecido atrasado e mesquinho ao outro lado, e ainda hoje, quem não dará valor à renovação do pensamento brasileiro que então ocorria?¹⁴⁸ Mas o fato é que o primeiro efeito da nova ciência

¹⁴⁷ Machado de Assis, “Eça de Queiroz: O primo Basílio” (1878), *OC*, vol. III, p. 914.

¹⁴⁸ “Houve um certo grupo de românticos brasileiros que não tiveram a coragem de atirar fora a velha bagagem e tomar outra nova, entrando nesse renascimento do pensar nacional pela crítica, e começaram a se mostrar amuados, displicentes, irônicos, desgostosos, rebuscados, misteriosos e pessimistas. [...] Im-

foi a multiplicação das mitologias, bem mais agressivas que os preconceitos tradicionais que elas vinham sacudir. O que será melhor: o usual preconceito de cor, o racismo científico, ou o racismo científico no contexto do preconceito de cor? (Há um estudo engraçado a escrever sobre as ironias do Naturalismo brasileiro, entre as quais a caução que a ciência dava ao insulto de classe e ao preconceito. “Quem já o estudou [a Machado] à luz de seu meio social, da influência de sua educação, de sua psicologia, de sua hereditariedade não só física como étnica, mostrando a formação e a orientação normal de seu talento?” pergunta Sílvio Romero. Na resposta, lembra que o seu estudado é de família pobre, mulato, sem educação, cheio de receios, muito mediano e doente do sistema nervoso.)¹⁴⁹ Em contraste, Machado se atinha à lógica das situações dadas e dos caracteres. Esta leva a analisar os dados da vida em termos de relação, que são estritamente racionais. Dentro dos limites da respeitabilidade familiar, a que Machado por conveniência se prendia, digamos que em espírito o seu romance continuava o racionalismo literário do século anterior, no que diferia dos contemporâneos mais progressistas, que adotavam o cientificismo espalhafatoso e em boa parte irracionalista da decadência burguesa. O que não os impedia de serem

potentes já, pela idade, de tomar um partido definido entre as grandes correntes filosóficas que dividiam o século, materialismo, positivismo, evolucionismo, monismo transformístico e hartmannismo, ficaram a burilar frases com o ar enigmático de faquires, falando em nome de não sei que coisas ocultas que fingem saber. / Neste singular grupo o fecundo Machado de Assis como chefe de fila sentiu numa certa hora o desgosto que, em momento psicológico, se apoderou d'alma brasileira. Mas sentiu-o de leve.” Sílvio Romero, *Machado de Assis*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, p. 76.

¹⁴⁹ *Idem*, pp. 18-23.

grandes otimistas, ao passo que em Machado o clima da decadência está profundamente presente. Por outro lado, interessava aos dois partidos fazerem-se cooptar, e seria instrutivo ver-lhes a oposição por este ângulo.

Se examinamos a trajetória social das personagens, veremos que também ela não obedece às linhas de maior ênfase no romance. A crítica da arbitrariedade e a interrupção do movimento, que dão a tônica nos planos ideológico e formal, não parecem relevantes neste capítulo, o que é uma instância mais do excesso da matéria sobre a empostação do livro. Assim, contrariamente à impressão severa e misantrópica que temos de Luís Garcia, a sua carreira é normal e bem-sucedida. Embora prefira passar os domingos em casa, ele frequenta a casa de Valéria para “dar festas” à filha, que gosta de luxo.¹⁵⁰ Quando Jorge o visita, depois da guerra, a casa em que mora é nova e maior que a outra.¹⁵¹ A visita é uma cortesia, à qual o funcionário é sensível, e quando Jorge diz que só não viera antes porque estava ausente, a explicação “era uma cortesia nova”¹⁵². Mais adiante, Luís Garcia recebe ordens diretamente do ministro, que o chama à sua casa para lhe explicar durante várias horas uma incumbência que obrigava o funcionário a uma viagem inadiável — indicações que sugerem a importância acrescida do burocrata.¹⁵³ Quando por fim Jorge lhe pede a mão de Iaiá, completa-se a recuperação do pai. Este sabe que a filha terá “todas as vantagens sociais, ainda as mais sólidas, ainda as mais frívolas: — e esse homem obscuro, enfatiado e cé-

¹⁵⁰ *Iaiá Garcia*, p. 330.

¹⁵¹ *Idem*, p. 341.

¹⁵² *Idem*, p. 342.

¹⁵³ *Idem*, p. 351.

tico, saboreava a ventura que a filha iria achar no turbilhão das coisas, que ele não cobiçara nunca”.¹⁵⁴

Nas relações de Jorge e Procópio Dias, a mesma diluição dos limites, que no entanto pareciam intransponíveis. Do ponto de vista literário, as duas figuras pertencem a concepções diferentes: um é caracterizado pelos apetites materiais e o aspecto exterior (o brilhante escandaloso na gravata, a granada no dedo, a bengala de castão de ouro) e é saído da caricatura realista do ricoço depravado. Machado experimentava a mão no estilo que combatia. A feição do outro é sobretudo espiritual, e paira acima das questões materiais. Não que estas inexistam, pois também Jorge é elegante e rico, e tem apetites, mas não são eles que o definem. Atrás das duas formas estão duas teses incompatíveis sobre a realidade, o que faz que as personagens sejam apresentadas segundo critérios diferentes. Daí uma boa dose de inconseqüência na prosa, que é dura com um e tolerante com outro. Por outro lado, embora a lógica literária os situe em mundos diferentes, é fato que Procópio Dias e Jorge andam juntos em *Iaiá Garcia*, o que reduz a oposição das filosofias a uma questão de oportunidade descritiva. O materialismo para o negociante inescrupuloso e lascivo, e o estilo elevado para o homem de família. Um arranjo que é absurdo, e que não obstante tem certa oportunidade histórica e dramática, pois configura o espanto da riqueza tradicional diante da mais nova, e o confronto entre as ideologias paternalista e individualista. Mesmo esta oposição entretanto se esfuma, pois se o traço de Procópio Dias é infame, Machado em seguida pinga os indícios de que Jorge, noutra registro, não é tão diferente, um procedimento aliás muito seu:

¹⁵⁴ *Idem*, p. 391.

“Pareciam satisfeitos um do outro”¹⁵⁵. E de fato a reação de Jorge diante do outro, desconfiada, mas também curiosa, e até um pouco admirativa, é uma das intenções mais finas do livro. No Paraguai, Procópio Dias havia assediado a “inexperiência” do amigo, cujas recomendações lhe valiam negociatas.¹⁵⁶ Reencontram-se no Rio por acaso, no jardim da casa da Tijuca. Procópio diz que está um pouco estragada, Jorge responde que muito, e o outro comenta que não compete ao proprietário fazer esta observação, porque prejudica o aluguel. Durante o almoço, Procópio diz ao amigo que este leva uma vida de bicho do mato, e o convida ao teatro. “Corruptor! disse Jorge sorrindo”,¹⁵⁷ e deixa cair os seus projetos de estudo. Vão ceiar, e Jorge por desconfiança não come, porque não quer dever nada a semelhante homem. “Procópio Dias percebeu isso mesmo, mas não se molestou; abaixou a cabeça, deixou passar essa onda de desconfiança, e surgiu fora, a rir.”¹⁵⁸ Mais adiante, Jorge e Procópio freqüentam a casa de Luís Garcia. Procópio lhe pergunta qual das duas mulheres o leva lá. Jorge se formaliza, e diz que são relações de família. Procópio não acredita, e confessa de sua parte que é Iaiá quem o atrai. E prossegue: “dado que o senhor amasse a outra [a Estela], qual era o primeiro movimento do meu coração? Ligá-los ao meu interesse. Desde que entre os dois houvesse um segredo, e que esse segredo fosse descoberto ou suspeitado por mim, o senhor e ela eram os meus melhores aliados, e a resistência daquela menina, e a vontade do pai, tudo cedia em meu favor. [...] — Jorge

¹⁵⁵ *Idem*, p. 361.

¹⁵⁶ *Idem*, p. 339.

¹⁵⁷ *Idem*, p. 340.

¹⁵⁸ *Idem, ibidem*.

contemplou-o alguns instantes sem dizer palavra, ao parecer subjugado pelo raciocínio. Ouvira-o pasmado e satisfeito. Tanta franqueza não mostrava que Procópio Dias não suspeitava nada?”¹⁵⁹ Atrás do contraste dos estilos pessoais, que estas citações não refletem suficientemente, a intimidade. Sem ter a mesma “penetração e superioridade para ver e confessar os vícios da natureza humana”,¹⁶⁰ Jorge não deixa também de fazer cálculos notáveis, por exemplo quando espera a morte de Luís Garcia. Para contrapeso da grosseria caricata de Procópio Dias, que “conspurcava [a amada] em imaginação”,¹⁶¹ Machado encontra um traço mais contundente para os apetites conjugais de Jorge. Este fora visitar a sua antiga prometida Eulália, que agora estava casada. “Eulália mostrou-lhe o filho, criança que valia por duas, tão gorda e vigorosa era. Jorge chegou a pegar nele, mas não sabia haver-se com as rendas, os babados, as fitas. Eulália que possuía já toda a destreza materna, tomou-lho das mãos. — O senhor não entende disto, disse ela. E depois de consertar a touca da criança, beijou-a muitas vezes, riu-se para ela, fez-lhe um monólogo, tudo com uma graça e poesia, que Jorge estava longe de lhe supor, cinco anos antes. Ele contemplava essa jovem mãe, elegante e natural, e sentia-se tomado de inveja e cobiça.”¹⁶² O nivelamento completa-se na página final, quando Iaiá e Jorge já haviam achado “no casamento a felicidade sem contraste”.¹⁶³ Em sociedade encontram Procópio Dias, o mesmo que outrora lhes havia feito

¹⁵⁹ *Idem*, p. 360.

¹⁶⁰ *Idem, ibidem*.

¹⁶¹ *Idem*, p. 362.

¹⁶² *Idem*, p. 341.

¹⁶³ *Idem*, p. 407.

todas as infâmias. No último sarau, o vilão “jogou o voltarete com Jorge e acompanhou a mulher até a carruagem, não sem lançar um olhar furtivo ao estribo, onde Iaiá pousou o pé, cansado de valsar”.¹⁶⁴ O *happy end* é o “naufrágio das ilusões”¹⁶⁵ a que se refere a frase final: o decoro familiar do paternalismo era falso, a sua oposição à corrupção mundana e ao mundo do dinheiro também, e a cooptação não é um processo limpo. Uma evolução episdica, pois passa ao largo da construção ideológica e formal do livro, e que no entanto ocupa a sua última página, o que a transforma em conclusão e imagem do movimento real da sociedade.

O caminho de Estela entretanto parece apontar em direção de uma saída diferente e heróica: o trabalho assalariado. Perto do fim, a morte de Luís Garcia traz a reorganização das relações de família. Depois de anos de luta em sentido contrário, a moça vê-se na posição de sogra e dependente de seu amado, e de rival infeliz de sua enteada. Resolve partir para o norte de São Paulo onde será professora. Sem alusões ao passado, as suas cartas são escritas “no mais puro estilo familiar”,¹⁶⁶ expressão que no contexto é sarcástica, e assinala a liberdade que finalmente ela encontrou. Ao despedir-se do pai, a questão aparece explicitamente, quando ela o exorta a deixar a vida de servilidade em que vivera até então.¹⁶⁷ Assim, o trabalho aparece como ruptura com o paternalismo, e como solução. Entretanto, é preciso qualificar: Luís Garcia, que é funcionário público, nem por isto escapa às malhas do paternalismo. E a própria partida de Estela aparece estritamente

¹⁶⁴ *Idem, ibidem.*

¹⁶⁵ *Idem, ibidem.*

¹⁶⁶ *Idem, ibidem.*

¹⁶⁷ *Idem, p. 406.*

como solução de seu problema de dignidade, e está dentro portanto do horizonte paternalista. Sem contar que a palavra salário não aparece: retomando as expressões do romance, Estela irá dirigir um estabelecimento de ensino que uma condiscípula fundara. Livra-se da dependência familiar, entra para o universo das ocupações dignas, porém o trabalho pago não se menciona. A parte do preconceito é evidente, mas há também o sentimento legítimo de que o trabalho assalariado é uma instituição inaceitável. Esta mesma ambigüidade, que no fim de contas é do livro inteiro, repercute fortemente em sua frase final. No primeiro aniversário da morte de Luís Garcia, Iaiá e Jorge vão ao cemitério depositar uma coroa de saudades. “Outra coroa havia sido posta, com uma fita em que se liam estas palavras: — *A meu marido*. Iaiá beijou com ardor a singela dedicatória, como beijaria a madrastra, se lhe aparecesse naquele instante. Era sincera a piedade da viúva. Alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões.”¹⁶⁸ O leitor, irremediavelmente liberal, e influenciado pelas decisões difíceis e valorosas que Estela acaba de tomar, pensa que se alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões, é porque ela teve a força de resistir e romper. Engano. Lendo melhor, verá que o paternalismo prevalece ainda uma vez, e que o comportamento de Estela dá razões à esperança porque é — *piadoso*.¹⁶⁹

¹⁶⁸ *Idem, p. 407.*

¹⁶⁹ Em vários pontos, Estela é comparável a Caroline de St. Geneix, a personagem principal do *Marquis de Villemer* (1861), de G. Sand (Bordeaux, Delmas, 1948). Pujol sustenta que há influência, questão para a qual me faltam as leituras necessárias, pois com variações esse tipo de personagem deve existir às dezenas no romance secundário da época. Mas é fato que a semelhança existe, e que a comparação pode ser sugestiva. Obrigadas pela pobreza, as duas moças fazem companhia a viúvas abastadas e caprichosas. Causam impressão no herdeiro da família, mas

Outra é a evolução de Antunes. Quando perde a última esperança de casar a filha a Jorge, passa a dedicar-se às ilusões públicas. Frequenta a Câmara dos Deputados, as sessões do júri, joga na loteria, conversa na praça, e volta a ser comensal assíduo na casa de Jorge, como o fora na casa do Desembargador seu pai. Uma descrição que Machado queria arrasadora, mas que hoje não parece tão antipática, sobretudo porque a dignidade que Machado lhe opunha, como o positivo ao negativo, não convence. A ideologia de Estela e Luís Garcia, que é também a do livro, é civili-

escondem o sentimento que este lhes inspira, pois são orgulhosas. Como Estela, Carolina “suporta sem queixas as necessidades de sua situação” (p. 21), e também como ela se veste com austeridade, como convém à sua pouca fortuna, o que no entanto lhe aumenta a beleza, e não é sinal de ascetismo. Em suas palavras, que são as mesmas de Estela, “Não tenho sonhos de amor, não sou romanesca” (p. 22), expressão em que se sublinha o traço mais romanesco das duas: aceitam a diferença social, mas não lhe sacrificam o coração, o que paradoxalmente se traduz pela renúncia ao amor. Assim, no plano muito abstrato em que é possível a transposição de situações européias para o Brasil (sustentado, no caso, pela aparente generalidade das relações familiares), a semelhança dos esquemas e da tempera psicológica é um fato. Entretanto, o elenco local não deixa que a equivalência vá longe, e obriga à reorientação dos conflitos: em lugar da ilustre marquesa a viúva do Desembargador; em lugar de Villemer, ocupado em demonstrar historicamente que os títulos aristocráticos eram usurpação, um bacharel. Em lugar da moça pobre, mas assalariada e segura de seu direito, uma agregada sempre na defensiva. Em lugar da oposição entre autenticidade e dinheiro, a oposição entre arbítrio paternalista e dignidade pessoal. Genericamente, em lugar da idealização dos conflitos saídos da Revolução Francesa, a tentativa de criticar e racionalizar as relações entre dependentes e os seus ricos protetores (crítica por sua vez que não é independente da Revolução Francesa, mas cujo chão social é outro). E enfim, em lugar do romance romântico, um romance da frustração. Para semelhanças e diferenças, veja-se a carta em que Carolina conta à irmã a sua nova vida, em casa da marquesa: “Quanto a mim, bem sabes quanto desprezo o dinheiro! As nossas infelicida-

zatória antes que crítica. Em conseqüência, os caracteres negativos encarnam os aspectos que ela quer suprimir, e é fatal que sejam eles os mais verdadeiros. Assim, é nas alianças maquiavélicas e nos discursos cínicos de Procópio Dias que se encontra o melhor comentário do comportamento respeitável de Jorge. Idem para a subordinação sem nenhum caráter de Antunes, que parece mais verdadeira que a laboriosa subordinação disfarçada de Luís Garcia. São estas as personagens que, de fato, anunciam o romance da segunda fase. Em *Iaiá* no entanto aparecem como exorbitâncias caricatas, que não se levam a sério. Digamos que Machado tentara analisar o arbitrário paternalista na perspectiva dos dependentes, a fim de livrá-los dele, o que o levava a excluí-lo do bom-tom. Mais tarde, pelo contrário, ele o assumiria inteiramente, como faz aqui o agregado Antunes, para lhe acompanhar e estudar o movimento, e trazê-lo ao primeiro plano, em lugar de o ocultar. É claro que esta nova posição é compreensível somente se o arbitrário não for sentido como humilhação. De fato, Machado completava a sua ascensão social. Em seus romances maduros o arbitrário será encarado com a intimidade humorística de quem se confessa praticante, e já não tem o que temer. O ponto de vista passou a ser o de cima.

des não me mudaram, porque não chamo dinheiro a essa coisa sagrada, o ordenado que ganho altivamente e mesmo com um pouco de orgulho neste momento. Isto é o dever, a garantia da honra. O próprio luxo, quando é continuação ou recompensa duma vida elevada, não me inspira esse desdém filosófico que encobre sempre alguma inveja; mas a opulência cobiçada, procurada, desejada e comprada a todo preço por casamentos ambiciosos, por evoluções da consciência política, por intrigas de família em torno de heranças, eis o que toma, com razão, o vil nome de dinheiro, e neste ponto, sou bem da opinião da marquesa, que não perdoa casamentos desiguais, feitos por interesse, bem como as demais baixezas, privadas e públicas” (p. 34).